

*Reeditando, em livro, aureoladas dos
applausos da sua primeira publicação,
as C A R T A S que o sr. dr. Manoel
Victorino Pereira lhe endereçou de Paris,
em eloquente e erudito estudo sobre a
Exposição de 1900,*

*o JORNAL DE NOTICIAS
quer deixar bem expressos a justiça das
suas homenagens aos preclaros talentos
desse eminente bahiano e os deveres do
seu agradecimento á gentileza preciosa
com que o distinguuiu.*

Bahia, março, 1901.

BIBLIOTECA DE J. J. ...

Este volume acha-se registrado

sob número **5.459**

do ano de **1946**

I

Palais d'Orsay, em Pariz, 28 de setembro de 1900.

Amigo e Sr. Aloysio de Carvalho.

Devo-lhe tantas atenções e cortezias que não podia esquecer-o em meio das deslumbrantes e successivas attracções e festas da EXPOSIÇÃO. Diriço, porém, estas linhas aos seus sentimentos profunda e docemente republicanos e ás delicadas e artisticas inspirações de fino poeta, que todos lhe admiram.

Da esplendida e grandiosa romaria que têm feito todos os povos do mundo ao mais imponente e maravilhoso dos templos até hoje erigidos ao trabalho e á paz, duas impressões merecem especial menção, pelo alto valor moral e politico, pela bellissima e eloquente significação do character e das instituições de uma

nação: a primeira, foi a que produziu a festa DESCHANEL, no *Palais Bourbon*; a segunda, foi a que recebeu PARIZ inteiro com o banquete dos *maires*, no Jardim das Tulherias.

DESCHANEL é o literato, é o academico: tem na politica o mesmo apuro e elegancia, o mesmo espirito e a mesma correcção graciosa que nos seus salões, conversando com as damas. O que elle imaginou e realisou, para fascinar os seus convidados, recorda os mais encantadores prodigios da arte e da belleza athenienses.

Todo o INSTITUTO, pode se dizer, collaborou nessa festa. Os seus artistas construíram e decoraram o theatro improvisado nos sumptuosos salões da luxuosa residencia; os seus poetas e dramaturgos escreveram e ensaiaram a patriótica apologia, arabescos de idyllo em linhas de epopéa da preciosa e inedita joia cinzelada para aquella noite; os seus musicos compuzeram as mais suaves ou vibrantes melodias, para celebrar o doce ou o heroico desses versos inspirados; e, para coroar tudo isso, as mais formosas e as mais notaveis artistas da *Comédie* e da *Opera* declamaram, cantaram, ou dançaram nesse espectaculo de deuses.

Toute la France foi o titulo que lhe deu a ACADEMIA. E realmente toda FRANÇA alli estava, no espirito, na graça, na elegancia, no talento, na energia, no valor e no prestigio. Mais de duas mil pessoas, entre as quaes se viam as mais celebres individualidades da politica, da imprensa, da literatura, do theatro, das sciencias, das artes, das industrias, do commercio, toda a FRANÇA revia-se em suas glorias, ouvia o seu proprio elogio, no desfilhar das provincias, que, no scenario ao mesmo tempo *coquette* e majestoso, mimosa evocação dos mais regios e apurados caprichos de POMPADOUR, rendilhada moldura de um sublime *Angelus* ou marmoreo soco de um *En avant* grandioso e vibrante, uma a uma se succediam, contando a sua fé simples, heroica, fiel e mystica, como na BRETANHA; a sua coragem audaciosa, petulante e fanfarrona, generosa e galanteadora, como na GASCONHA; a intrepidez firme e serena da NORMANDIA; o temperamento tenaz e vigoroso da BORCONHA; todas as virtudes e qualidades de um povo, toda a sua historia, todos os seus feitos, em syntheses adoraveis, estrophes de ouro, versos de finissima lapidação,

em que, como pedras preciosas, scintillavam as imagens, os conceitos, as delicadas *silhouettes* de cada character, de cada typo, e tudo isto se engastando em boccas sedutoras, que diziam de um modo maravilhoso, em uma linguagem de que só ellas têm o segredo da inflexão e da pronuncia.

Avalie o meu presado amigo, com a sua admiravel intuição de poeta e de artista, o que foi essa festa. O que, porém, mais surprehende em tal espectáculo, unico e incomparavel, é que elle tivesse tido a sua iniciativa no cerebro de um politico.

Quem percorresse os salões do *Palais Bourbon* encontraria todos os credos, partidos, e facções politicas, todas as escolas philosophicas e economicas, todas as communhões religiosas, todos os systemas scientificos, todos os matizes do jornalismo, todas as individualisações da arte, todas as concurrencias e rivalidades da industria; jamais se viu em PARIZ uma approximação tão extravagante, tão variada, e tão completa, de homens, de idéas e de factos. *Toute la France* no scenario; *Toute la France* no auditorio. Como obra de superioridade de

espírito, de elevação de sentimentos moraes e politicos, de inexcedivel e admiravel tolerancia, a festa DESCHANEL foi um acontecimento, talvez o mais bello da EXPOSIÇÃO.

A quantas reflexões não se presta a analyse deste facto? Si esse primor de costumes, si essa delicada convivencia, si esse respeito reciproco e educado approximassem os homens politicos, quaesquer que fossem as suas convicções e divergencias; si, em vez do odio, existisse sempre essa fina e fidalga tolerancia, como não seriamos felizes, banindo o que ha selvagem e abjecto nas luctas em que nos esgotamos?

Nessa doçura de temperamento e de habitos, como não têm influido a arte e a literatura?! DESCHANEL antes de ser presidente da Camara, foi buscar no culto das boas letras, no amor das mais bellas artes, esse apuro e correcção que lhe deram a admiração e a sympathia da FRANÇA inteira.

As tradições monarchicas, ainda sobreviventes nas modernas democracias, acreditam que são incompativeis com a indole das instituições

populares esse sentimento artistico e essa fina educação dos homens que governam.

Nada mais falso: não ha nada que seduza e que cultive mais, e melhor, o povo.

A festa que DESCHANEL havia consagrado ao escol da sociedade franceza e estrangeira em PARIZ, reproduziu em *matinée*, convidando para ella os operarios, que o tinham auxiliado a organisal-a, e uma delegação de cada grupo de obreiros da EXPOSIÇÃO, todos com as suas familias. Não foi menos brilhante, não foi menos applaudida, a maravilhosa encenação, quando no auditorio só se viam as blusas do homem de trabalho, ou os modestos corpetes da mulher do povo.

* * *

O banquete dos *maires*, cujos detalhes lhe envio, em diversos numeros da *Illustration* e em um completissimo artigo do *Figaro*, foi a mais entusiastica e expressiva das consagrações que tem tido a Republica em FRANÇA.

O *Times*, que não pode ser acoimado de apologistista das instituições francezas, e ainda menos

de grande admirador deste povo, não poude diminuir o valor do facto, e affirmou que, depois de 1789, nunca o regimen republicano recebeu uma demonstração popular mais ruidosa, mais sincera e mais nacional do que essa.

O aspecto chão e simples da grande maioria destes homens do campo, muitos dos quaes vinham pela primeira vez a PARIZ; os trajes locais e originalissimos de diversos; a variedade de typos; as rugas e os callos do trabalho nessas physionomias rudes e francas, nessas mãos pesadas e fortes; o empenho com que elles se agrupavam nas ruas e cafés, no mais bello dos instinctos de união, davam a toda esta gente um cunho de alegre, robusta e expansiva sympathy, e despertavam em toda a parte, e em torno delles, as mais calorosas ovações.

Andaram a querer e a tentar, os rancores politicos, estabelecer rivalidades e dissensões entre PARIZ e a provincia.

O povo pariziense respondeu a isso com o mais espiituoso desdem; e, desde o ultimo dos *gamins* até o mais respeitavel dos *épiciers* ou o mais apurado dos *gommeux*, ninguem havia que não desejasse, ou não procurasse,

apertar a mão dessa *braves gens*, desses *pés de boi*, da prosperidade e da grandeza da FRANÇA. Até as modistas, que, aliás, não podiam ser inspiradas pelo interesse, pois os *maires* vieram em geral sós, com pouco dinheiro, e não encommendavam vestidos, quizeram saudal-os escolhendo o mais velho, cujos noventa e dois annos as resguardavam de qualquer suspeita.

Vendo o grande pavilhão do banquete, cujo organisador precisava percorrel-o em automovel para fiscalisar e activar os preparativos, tive uma singularissima associação de impressões, e que, á primeira vista, parece o maior dos disparates. Poucos dias antes havia assistido á revista de AMILLY, em que tomaram parte cem mil homens e cerca de vinte mil cavallos. Nas manobras e evoluções da força armada, na detonação simultanea de mais de duzentos canhões de artilheria ligeira e pesada, na carga final de vinte mil dragões, couraceiros, hussardos, julguei ver alguma cousa de semelhante ao avançar e desfilar de 22 mil boccas, servidas por 250 mil pratos, 66 mil talheres, 95 mil *crystaes*, 30 mil *guardanapos*,

8 mil metros de toalha, em 606 mezas e com 50 mil garrafas de vinho!

Tenho duvidas sobre o que seja mais perfeito em FRANÇA, e mais util em todo o mundo: si a arte da guerra, si a arte da meza. Dizem que ambas preparam e mantêm a paz. Os processos de que usa a ultima ninguem contestará, porém, que são muito mais commodos e inoffensivos. A revista, em pouco mais de 3 horas, estava terminada, com o maximo brilhantismo, e sem o minimo incidente. O banquete, em 1 hora e 1/4, estava servido, e nada havia faltado, nem o *crystallino bol* para lavar os dedos e a bocca do ultimo dos *maires*. Dos velhos generaes francezes, já reformados, muitos vieram ver como os seus successores se desempenhavam do difficil encargo de dirigir e commandar as manobras e a revista; e todos sentiram-se orgulhosos do garbo, correção e brilhantismo com que as tropas se conduziram. Todos os velhos *Poteis* de PARIZ, os grandes mestres da culinaria e da arte decorativa das mezas e *buffets*, vieram ver como os seus descendentes e successores se desempenhavam da execução do maior banquete de que fala a historia; e rezam as chronicas do dia

que elles abraçaram, jubilosos e commovidos, os organisadores e vencedores dessa colossal e incruenta batalha.

Quando em AMILLY as grandes massas de infantaria, organisadas por divisões que marchavam em filas de 700 homens, iam pouco a pouco se approximando, a oscillação que a marcha imprimia aos sabres, reflectindo os raios de um bellissimo sol, davam a sensação do movimento das vagas no alto mar, quando a luz cae sobre ellas como uma poeira doirada. Em mais de sete kilometros de mezas, o movimento dos talheres e crystaes, impellidos por estomagos alegres e vorazes, eram como uma corrente caudalosa, scintillante, fremente, que se precipitava, banhando todas aquellas cabeças, e saltando de bocca em bocca, estreitada entre duas muralhas humanas!

Até a canhonada formidavel, a esplendida e deslumbrante carga de cavallaria tiveram no banquete os seus episodios semelhantes! Quando terminou o desfilhar da revista, toda a artilheria, em que cada canhão era tirado por seis magnificos cavallos de campanha, descreveu, a galope, um vasto semi-circulo, cujo centro era

a tribuna do Presidente, e a um tempo todas as peças dispararam!

Com a mesma rapidez abriu-se, para a direita e para a esquerda, o semi-circulo, e pelo claro penetrou, egualmente a galope, a massa colossal de homens e cavallos, com dois kilometros de frente, e que veio estacar, em respeitosa continencia, a 100 metros da cadeira de LOUBET!

Um calefrio de enthusiasmo percorreu todos que alli se achavam, e um *viva* unico e unisono respondeu áquella continencia, em que 20 mil espadas, lanças, estandartes, galhardetes, pareciam movidos pelo mesmo braço!

Quando, no banquete dos *maires*, o vulto sympathico e bondoso de LOUBET concluiu o seu discurso, tão feliz e eloquente; quando elle pronunciou aquellas memoraveis palavras: «Dizei emfim, dizei sobretudo, que não temos odio nem rancor contra ninguem, que a nossa mais cara esperança é ver todos os francezes unidos fraternalmente, em um mesmo amor da Patria e da Republica»; quando, com a face pallida, os labios e os dedos tremulos de commoção, elle ergueu a sua taça, todas as taças se ergueram

n'um movimento só; e ouviu-se um grito unico, prolongado, que foi repercutir em toda a multidão lá fóra: «VIVA A REPUBLICA!» foi a continencia jubilosa, ardente, de todas as forças da democracia franceza, deante da cadeira do Presidente. O mais foi um delirio, que transbordou pelas ruas, e que fez o mais majestoso e imponente dos cortejos triumphaes para a volta do Chefe do Estado até o Elyseu.

No dia seguinte, diziam os jornaes: foi uma *grande journée*, foi a FESTA DA FEDERAÇÃO celebrada ha mais de um seculo, e reproduzida hoje, com assistencia e applauso do mundo inteiro, em pleno dominio da paz e do trabalho.

Quando poderemos, meu caro ALOYSIO, celebrar destas festas, quando conseguiremos transmittir estas sympathias e enthusiasmos ás multidões, quando faremos da Republica uma realidade boa, sã, amante e amada desse povo, d'onde sahimos e onde vivemos? Quando tere-mos a nossa *grande journée*? Não sou um desanimado: Deus nol-a dará.



II

Palais d'Orsay, em Pariz, 4 de outubro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Permitta-me que continue a transmittir-lhe algumas das minhas impressões.

Na EXPOSIÇÃO de 1900, muito mais do que em qualquer das outras, o que deslumbra, o que encanta, o que instrue, não é somente o que se vê: é o que se ouve, o que se percebe, o que se sente. O objecto, é verdade, jamais teve uma forma tão seductora, tão completa e tão grandiosa de se exhibir; a idéa, porém, parece primar pela multiplicidade, variedade, originalidade e elevação, com que procurou se traduzir e diffundir. A obra da EXPOSIÇÃO, reproduzida pela linguagem, escripta ou falada, pela gravura, pela photographia, pela pintura, pelos mo-

numentos, será a maior das edições do espirito humano, a culminancia do seu esforço, o mais completo estudo das suas energias e do seu trabalho, a mais minuciosa, a mais perfeita e a mais documentada das suas auto-biographias. E' uma vasta e colossal encyclopedia, em que a descripção, a analyse, a synthese das cousas, dos factos, das idéas, são feitos não pela penna de dois ou tres sabios, mas com o concurso de todas as intelligencias, de todas as actividades, de todos os testemunhos, de todas as opiniões. E' o mais elevado producto colectivo da humanidade. Suffragio universal da consciencia e vigor dos povos, em favor dos grandes ideaes da paz e do trabalho.

Nenhuma das formas da actividade humana deixou de ter a sua representação nesta festa.

Ao lado, porém, do que está feito, quizeram os sabios, os industriaes, os artistas, os pensadores, os philosophos, que se dissesse, discutisse, esboçasse o que ha a fazer; os palacios, pavilhões, galerias, secções, eram a conquista realisada.

Os congressos elaboraram as idéas novas, os programmas a executar, as reformas a introdu-

zir, o trabalho de amanhã, os factos do futuro. Centenas destas assembléas se reuniram: a ellas concorreram todas as sympathias, todas as dissensões, todos os affectos, todos os odios, todos os interesses, todas as rivalidades, todos os pequenos e grandes sentimentos do homem e das nações. E deram-se tregoa, em uma fraternidade que ninguem diria que não pudesse ser eterna e feliz. A atmosphera dessas reuniões tinha alguma cousa de limpido e sereno, que dissipava o nevoeiro dos máos instinctos: os homens pareciam disputar a primasia da generosidade e do desprendimento.

Qualquer sentimento egoista parecia ter horror de si mesmo. Dizem que o ardor e a coragem communicativa das grandes batalhas fazem com que o soldado esqueça familia, lar, fortuna, prazeres, vida, para se dar inteiramente ao combate e á victoria; pois bem: na calma e tranquillidade das grandes luctas da intelligencia, no campo incruento desses valentes torneios, os luctadores esquecem todos os seus defeitos, todas as suas fraquezas, todas as suas prevenções, e mostram-se dignos do triumpho e honrados pela sua causa.

Fui assistir hoje a uma das grandes sessões ou assembléas geraes do CONGRESSO DA PAZ.

Ia-se tratar da questão chinesa. Era no vasto salão do PALACIO DOS CONGRESSOS.

Esse edificio é tambem o PAVILHÃO DE ECONOMIA SOCIAL. Não ha, talvez, secção mais interessante do que esta, em toda a EXPOSIÇÃO.

O que ahi se vê não são primores d'arte, prodigios da industria, milagres da sciencia, riquezas naturaes: as paredes estão cobertas de mappas, quadros, estatisticas, diagrammas.

E' o inventario social do seculo. Educação, instrucção technica e professional, protecção á infancia, beneficencia, cooperativas, mutualidades, caixas economicas, seguros de vida e de trabalho, soccorros á velhice, á invalidez, á molestia; em summa, a previdencia, o auxilio mutuo, a philantropia, a caridade. Os mappas mostram a distribuição geographica e topographica destas instituições; os quadros dão as sommas accumuladas e consumidas, com taes serviços, nos paizes que forneceram estes dados; as estatisticas e diagrammas indicam a escala ascensional desse movimento e as columnas elevadissimas a que attingiu o numero de indivi-

duos e de associações incluídos nessa poderosa e vasta função social, ou favorecidos por ella.

E' o socialismo pratico, util, religioso ou não; firmado, porém, em bases concretas, e não em divagações ou utopias revolucionarias.

E' colossal a sua obra: ninguem pode imaginar o bem que elle semeia e produz.

Poucos patricios nossos terão talvez visitado o PAVILHÃO DE ECONOMIA SOCIAL. E' pena: a publicação que se fizer, com todos os dados que nelle se encontram, deve ser uma das cousas mais consoladoras, mais ricas de esperança e de conforto que a herança do seculo nos deixa. O apuro e cuidado com que foram feitos aquelles trabalhos, a evidencia graphica que resalta, com admiravel lucidez, de todos elles; o vigoroso e brilhante ensinamento que se lê naquellas paredes; as profundas cogitações de que se sente dominar a mente pensadora, inspirando-se n'aquelles traçados eloquentissimos, que valem por milhares de discursos, de volumes de pamphletos, de jornaes; tudo isso prova que a obra social e a sua sciencia não constituem mais uma vaga aspiração de philosophos ou philanthropos, formam uma realidade tão po-

derosa, tão expansiva, tão dominadora, que invadirá o mundo inteiro.

Mais ainda do que o homem, terá então a mulher uma solução para o que ha precario e infeliz em suas condições sociaes.

A grande capital, que vae pedir á mulher as mais bellas scintillações do seu espirito, as mais felizes concepções da sua arte, as mais fecundas e perseverantes dedicações do seu trabalho, as expansões ruidosas dos seus *boulevards*, a elegancia graciosa e inimitavel das suas modas, a *verve* inesgotavel e original dos seus theatros, a belleza incomparavel das suas distracções, só teve até hoje para ella, sob as exterioridades de um culto de seducções e de prazeres, a alternativa da miseria ou da prostituição. E' uma triste realidade: em parte nenhuma, a mulher tem um dominio apparente tão grande e um soffrimento real tão profundo. Rainhas, quando vendem a carne; mendigas, quando guardam o pudor. Infelizes sempre: cobertas de joias ou de andrajos, ellas têm constantemente a fome no estomago, ou no coração.

Quem conhecer quanto trabalham as mulhe-

res em PARIZ, nas fabricas, *ateliers*, lojas, escriptorios, theatros, mercados, e a insignificancia da retribuição que percebem, convence-se de que no trabalho, como no goso, o homem exerce sobre ellas a mais iniqua e injusta das explorações. Esta é, sem duvida, uma das causas mais poderosas da esterilidade em FRANÇA. Si a mulher tem frequentemente deante de si a perspectiva da fome e da miseria, como ha de animar o doce sonho da maternidade?

Foi sob a influencia destas reflexões que subi as escadas do PALACIO DOS CONGRESSOS.

Cousa singular: na obra da paz dos povos, quem mais tem trabalhado, quem mais se tem esforçado, quem mais heroismo e dedicação tem revelado, têm sido as mulheres.

Não são ellas que morrem nos campos de batalha, não são ellas que estão obrigadas ao serviço militar, não são ellas que têm a responsabilidade ou o remorso do crime de matar populações, destruir paizes, anniquilar nações; entretanto, ninguem se mostra mais interessado do que ellas em firmar no universo o dominio perpetuo da paz.

Para suavisar as violencias e horrores da guerra,

foram ellas que crearam e desenvolveram as primeiras instituições. Lá fui deixar no lindo pavilhão da *Associação das Senhoras da Cruz Vermelha em França*, a minha assignatura e o meu applauso. A *Alliança Universal das Mulheres « Pro Pace »* foi fundada por uma princeza, MME. WISZNIEWSKA com o acolhimento geral da EUROPA e da AMERICA.

Ainda hoje, quando o egoismo da politica e da diplomacia dos povos cultos deixa no mais cruel isolamento e abandono um pequeno povo, que defende a sua independencia e o seu territorio, com bravura e heroicidade inexcediveis, é a mulher que tem a generosa coragem de estender a mão ao vencido e de acolhel-o, salvando-o das perseguições e odios do injusto e cruel vencedor. Uma joven flôr mimosa que o throno não desfolhou, alma delicada que a politica não corrompeu, coração de anjo em peito de rainha, foi quem offereceu ao velho sobrevivente da liberdade e do heroismo desse povo, nobre e bravo, o refugio que devia, através do Oceano, livral-o do classico rochedo, onde a INGLATERRA costuma acorrentar as aguias, que tentaram arrancar-lhe o prestigio e a força, e faz morrer os grandes guer-

reiros, que lhe inflingiram derrotas e humilhações.

São ainda as senhoras, que, em peregrinação diaria e constante, vão ao PAVILHÃO DO TRANSVAAL cobrir de flores, cartões, estrophes, o busto do presidente KRUGER. Senti-me tristemente commovido, vendo esse solemnisimo spectaculo. De todas as nacionalidades e origens provêm os testemunhos da piedosa homenagem. Si a velha e virtuosa soberana, que a fatalidade fez ainda dirigir o seu povo nos momentos difficeis de hoje, pudesse assistir áquella cerimonia, o seu coração sangraria tanto ou mais do que quando lhe annunciaram a morte dos seus melhores subditos.

Penetrei no amplo recinto do CONGRESSO.

Viam-se alli, talvez, mais senhoras do que homens. Entre estes, achavam-se notabilidades de todo o mundo.

Innumeros avulsos distribuiam-se entre os delegados, membros do CONGRESSO, adherentes e assistentes. Delles destaquei um, contendo o mais eloquente dos discursos proferidos, um mez antes, no recinto do senado, em PARIZ, em

uma das sessões da «*União Interparlamentar para a Arbitragem Internacional e a Paz*» pelo eminente homem de estado húngaro, o CONDE ALBERTO APPONY.

«Ah, senhores, (diz um dos trechos mais expressivos deste discurso) é formidável a *bête* humana: a *bêtise*, porém, é talvez ainda mais; essa *bêtise* que esmaga toda aspiração generosa, toda energia dirigida para um progresso, quando este se atreve a affrontar logares communs como este: «enquanto houver homens, haverá sempre guerras»; essa *bêtise*, que se crê espirituosa quando é cynica, que maneja a ironia com ares de superioridade, contando com a *bêtise* ainda maior dos que a supportam, dos que a aceitam, altivos da solidariedade de que se revestem, essa é que é preciso vencer, essa é que é necessario transformar, para que a base ideal de nossa união se torne uma realidade.»

Ia-se discutir a questão da CHINA: era a ordem do dia. A commissão de direito internacional do CONGRESSO ia ler o seu trabalho. Era relator NOWICOW. Moço ainda, bigode pouco espesso e já pintando; olhar vivo, physiono-

mia expressiva, palavra fluente, o relator pediu ao CONGRESSO que, antes de ouvir-o, acolhesse o testemunho dos que conheciam a situação da CHINA e as causas das suas luctas. Francezes, americanos, inglezes, expuzeram, rapida e concisamente, a crise do EXTREMO ORIENTE. E, surpresa das surpresas, quando parecia que a condemnação do chim ia-se ouvir de todos aquelles homens, é ás intrigas, ás ambições e á intolerancia dos povos da EUROPA e da AMERICA que se attribuem os grandes morticínios!

A discussão se empenhou sobre o modo pratico de traduzir o pensamento do CONGRESSO e sobre a solução positiva do problema actual da CHINA. Cousas serias e extravagantes se propuzeram; o que, porém, se apurou, nitida e concisamente, foi o espirito liberal e moderno das theorias unanimemente sustentadas. E' interessante o trabalho formulado por livres pensadores, sacerdotes, catholicos e protestantes, sobre a acção e garantias das missões religiosas.

«O Congresso:

Considerando que, si todo homem tem o direito de tentar que seus semelhantes partilhem

suas opiniões, aquelle que emprehende uma tal tarefa deve contar com as resistencias provenientes da força das idéas recebidas, e algumas vezes da ignorancia dos homens: que deve contar com essa resistencia, tanto mais viva quando, como os missionarios, se propõe a inculcar a raças, muito differentes da sua, idéas e convicções em opposição absoluta com as que ellas sustentam;

Considerando que os missionarios affrontam estes perigos com perfeito conhecimento de causa, e que elles consideram mesmo a mais gloriosa das recompensas ter a fortuna de soffrer pela sua fé;

Considerando que não se poderia render homenagem á coragem e á sinceridade de homens que sacrificam o repouso e, algumas vezes, a vida ao triumpho de sua fé, si se pudesse admittir que a propaganda de suas idéas religiosas tivesse por consequencia, mesmo indirecta, desencadeiar sobre sua patria os males da guerra, expondo a tranquillidade e a vida de milhares de compatriotas, que não partilham talvez as mesmas convicções, e que, em

todo o caso, não estão dispostos aos mesmos sacrificios ;

Considerando que, si as nações civilizadas devem protecção áquelles nacionaes que habitam em paizes estrangeiros, é com a condição que elles se abstenham de irritar ou de combater systematicamente as idéas ou convicções dos povos, cuja hospitalidade recebem ;

Considerando que cabe aos missionarios se absterem, no exercicio do seu ministerio, de toda intemperança de zelo, e de, ao contrario, lhe applicarem os preceitos de tacto, de moderação, e de prudencia, que lhes são ditados pelo ensino de sua religião e pelo cuidado do seu interesse pessoal ;

E' de parecer:

Que as potencias devem se abster, rigorosamente, de toda intervenção armada, destinada a proteger, a soccorrer ou a vingar os missionarios de sua nacionalidade, que voluntariamente se expuzeram á hostilidade e ao resentimento de povos de uma civilisação absolutamente differente.»

A esta primeira serie de considerações, e

como sanção, a commissão ainda propoz acrescentar:

«O Congresso:

Considerando que, em certos paizes e notoriamente no EXTREMO-ORIENTE, os subditos das potencias não christãs, que fazem acto de adhesão a uma das confissões christãs, disso se prevalecem para reclamar a qualidade de protegido diplomatico de uma das nações de civilização christã, e assim escapar á soberania do seu governo;

Considerando que as nações christãs não poderiam acolher essas pretensões, sem ferir os direitos de soberania que as potencias, mesmo não christãs, têm incontestavelmente sobre os seus subditos, qualquer que seja a religião delles, e sem se expor, por consequencia, a excitar as legitimas susceptibilidades destas potencias;

Considerando, além disso, que a protecção dos convertidos é para as nações de civilização christã uma fonte de embaraços sem numero; que é uma das causas mais frequentes de conflictos entre as nações e as potencias

não christãs, o que constitue um perigo permanente para a paz;

E' de parecer:

Que as nações de civilização christã devem se abster, rigorosamente, de reivindicar, ou mesmo de aceitar, a protecção diplomatica dos subditos das potencias não christãs, que fazem acto de adhesão a uma das confissões christãs.»

Quanto ás causas determinantes da crise na CHINA, foram estas as conclusões da assembléa:

«O Congresso é de parecer que os lastimaveis acontecimentos que motivaram a expedição da CHINA devem ser attribuidos ás causas seguintes:

1. Os empreendimentos dos missionarios de todas as confissões religiosas, cuja propaganda intolerante, aggressiva, e desageitada (*maladroite*), apoiada pela acção militar e diplomatica das potencias, é uma origem perpetua de conflictos e uma geratriz de odios;

2. Os manejos dos occidentaes estabelecidos na CHINA, que retribuem muito frequentemente a hospitalidade, de que gosam no solo chinez, por insultos, provocações, injustiças, máos tra-

tos de todo o genero, para com os indigenas;

3. As rivalidades e intrigas reciprocas das potencias, a inconsistencia e contradições de suas respectivas diplomacias, que, principalmente ha dez annos, têm fluctuado continuamente, e segundo o interesse do momento, entre a extrema fraqueza e a selvagem brutalidade, tratando a CHINA ora como um poder inteiramente formidavel, ora como uma potencia de setima ordem;

4. As annexações territoriaes effectuadas nestes ultimos annos por diversas potencias occidentaes e pelo JAPÃO;

5. Os planos cynicamente patenteados pela plutocracia européa e americana, visando á absorpção dos recursos industriaes e de todos os elementos de riqueza da CHINA:

Pensa tambem o CONGRESSO que a unica politica ditada pelas circumstancias presentes, deve consistir em preparar o abandono total do protectorado religioso e favorecer a constituição na CHINA de um governo indigena, forte, independente, honesto e sabiamente progressista, capaz de executar as reformas interiores indispensaveis e assegurar, sob o regimen da « por-

ta aberta» (*open door*), a efficaz protecção do commercio estrangeiro honesto, para maior bem da verdadeira civilisação.»

Como se vê, não ha nada mais contrario ás doutrinas de mr. CHAMBERLAIN, de que os povos fracos e decadentes devem se entregar á direcção dos fortes e prosperos. Entretanto, como os congressos não escapam ás concessões, e *il y a toujours, même avec le ciel, des accommodations*, mr. ARNAUD obtem que o CONGRESSO reconheça o direito de intervenção, firmado no art. 16 do projecto de Codigo Internacional votado por elle:

«As nações têm o direito de acreditar junto de um Estado que causa prejuizo a outrem, pelo esbanjamento ou malversação (*gaspillage*) dos seus recursos, ou que organisa ou permite o massacre de uma parte de seus habitantes ou forasteiros, um conselho de gerencia, cujos poderes e immunidades serão determinados por um tratado internacional.»

Em meio dessas discussões, volviam-se os meus olhos, de vez em quando, para um escudo, que se via á direita da sala: no centro d'elle tremulava a bandeira de minha PATRIA.

Era a unica representação do paiz a quem eu devia o culto fervoroso das minhas mais profundas e saudosas affeições: naquelle recinto, porém, e naquella assembléa, esse estandarte era o symbolo de uma NAÇÃO, que, ha mais de um seculo, pregara, pelos labios eloquentes de um padre illustre, o carinho e a doçura na catechese e civilisação do indigena; que, ha quarenta annos, fôra a primeira a adoptar e a praticar o principio da arbitragem, como a solução dos seus conflictos internacionaes; que, ha pouco mais de dois lustros, realisara, sem effusão de uma gotta de sangue, tres grandes factos, que têm custado luctas dolorosissimas aos povos que os conquistaram: abriu os braços para agasalhar, em maternal amplexo, livres, irmãos, os condemnados de uma raça inferior, escrava, e que assim se nivelaram, em direitos e aspirações, aos senhores da vespera; mudou a sua forma de governo, consagrando as conquistas mais adeantadas e liberaes dos direitos do homem; banii da sua CONSTITUIÇÃO a guerra, formulando, como principio inviolavel, essa mesma arbitragem, pela qual pugnavam todos os espiritos e corações

alli reunidos! Em merito e honra, aquelle estandarte devia ter o primeiro logar no grande recinto: na bella e gloriosa obra da paz universal, a NAÇÃO que elle symbolisava devia ter o primeiro premio e os melhores louros! Entretanto, só essas cores recordavam a vasta região geographica, só ellas celebravam as brilhantes paginas da historia!

A minha paixão de patriota teve impetos de explodir, em uma reivindicação ruidosa dos nossos feitos e das nossas glorias; apenas, porém, poude estalar em um soluço pungente e sem echo!

E a bandeira ficou solitaria e triste, sem ter ouvido, naquelle recinto, recordar as suas tradições e os seus feitos...



III

Palais d'Orsay, em Pariz, 20 de outubro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Em breves dias estará encerrada a EXPOSIÇÃO de 1900. Dentro de pouco tempo começará a demolição dos magnificos palacios, esplendidos pavilhões, maravilhosas galerias, ricas e formosas installações, onde as sciencias, as artes e as industrias do mundo inteiro disputaram a admiração e os applausos do espirito moderno, do progresso humano. Do que ella foi, nada poderia dar uma idéa exacta e completa: nem tudo quanto se escrever, imprimir, photographar e gravar, nem mesmo tudo quanto a memoria e o testemunho dos que a viram puderem narrar e reproduzir. Quem a tiver, porém, estudado como um ho-

mem do seu tempo, com o coração cheio de coragem e de confiança nos destinos da humanidade e da civilização, e com o espirito aberto a todas as grandes conquistas do trabalho humano, guardará consigo a impressão do espectáculo mais instructivo, mais deslumbrante e mais animador que até hoje se offereceu ao olhar e á apreciação dos povos. Antes de transmittir-lhe pallidamente alguma cousa do que aqui pude ver, consinta que reproduza de JULIO ROCHE, o auctor da lei que convocou o grande certamen, o que elle chamou «a philosophia da Exposição»:

«Quando fiz decretar, a 13 de julho de 1892, pelo Presidente da Republica, a Exposição universal internacional de 1900, traduzindo assim um sentimento que se expandia a toda a parte, exprimi, na exposição de motivos do decreto, o pensamento de que era um dever para a FRANÇA apresentar, nos ultimos dias do seculo XIX, um quadro dos progressos do espirito humano durante esse mesmo seculo, que, ao nascer, a viu no mais alto apogeu da gloria e do poder; mais tarde, precipitada nas mais tragicas provações; erguendo-se depois com

uma rapidez e uma força incríveis; tornando ainda a cair, em uma vertigem fulminante, ao mais profundo dos abysmos; levantando-se de novo, por um esforço que assombrou o mundo de admiração e de surpresa, para a luz e a vida as mais intensas; em todas as epochas, atravez de todas as vicissitudes, e durante as mais crueis catastrophes, digna de si mesma, de seu genio, de seu passado, das obras incomparaveis da sua historia, tão prodigiosas, tão brilhantes, que, para as recordar, é mister resumil-as em uma formula bastante expressiva, *Gesta Dei per Francos*; não cessando de espalhar entre os povos o pensamento humano, o mais atrevido e o mais claro, os descobrimentos da sciencia a mais generosa e a mais fecunda, as maravilhas deste Espirito da Arte que anima, illumina todos os seus actos, todos os seus productos, todos os seus movimentos e que faz della a herdeira da GRECIA antiga na evolução do genero humano.

«Os factos mostraram quanto eu tinha razão. Apesar dos erros e das faltas commettidas, a Exposição de 1900 ficará como o mais assombroso espectáculo, o mais colossal amontoa-

mento de obras primas industriaes e artisticas, que jamais deslumbraram os olhares das nações.

«Ainda um outro pensamento tinha eu em 1892, comquanto não expresso, porém muito dominante: é que a Exposição de 1900 seria, certamente, muito mais do que a de 1889 e que todas as precedentes, de natureza a dar á percepção collectiva dos francezes uma noção indispensavel, que inteiramente lhes falta: a do Estrangeiro. Já soffremos terrivelmente desse defeito. Foi uma das causas principaes das nossas desgraças, ha trinta annos, — duas vezes o espaço viril de uma vida humana. Promptamente nos mataria hoje, si delle ainda soffressemos.

.....

«Em parte nenhuma, tanto quanto na FRANÇA, se verifica este desconhecimento do estrangeiro. Por toda a parte se encontra a preocupação, mais ou menos viva, mais ou menos esclarecida, das outras nações, pelo que ellas fazem, pelo que ellas podem, entre si, pelo que ellas devem esperar ou temer umas das outras. Nas mais remotas paragens dos paizes estrangeiros

encontrara essa *noção planetaria*, que se havia tornado condição essencial da vida individual de cada povo e até de cada ser humano. Fôra-me facil observar que a existencia e a intensidade desta noção acham-se em razão directa da vitalidade daquelles que a possuem e que, onde ella mais falta, tambem menos se accentuam o movimento, a saude e a força. Sobraram-me, então, occasiões de ver quanto nos haviamos abandonado ao pensamento de contar somente comnosco no mundo; que a FRANÇA era o unico paiz da riqueza, do progresso, da sciencia, da civilisação, da arte; que os outros povos só tinham que vir tomar lições comnosco; que dependia exclusivamente de nossa vontade ditar leis aos continentes, aos archipelagos, aos oceanos; que eramos um organismo especial, autonomo, completo, independente, senhor de si, livre de todo cuidado d'outrem, um astro isolado, rolando no espaço, por onde e como lhe aprazia; que faziamos grande honra aos outros nos occupando delles, olhando-os, falando-lhes, escutando-os, tomando-lhes dinheiro pela fazenda de mr. JOURDAIN; que si elles não se sentiam contentes, procurassem suas melhoras; emfim,

que somente nós existíamos, somente nós tínhamos espirito, que nossos filhos eram os unicos bellos, mimosos, bemfeitos!

«Alguns annos ainda com tal mentalidade, —e os dons mais magnificos da natureza, as qualidades mais raras da nossa raça e do nosso genio nacional não nos salvariam d'uma irremediavel decadencia. Só um abalo forte poderia arrancar a FRANÇA desse hypnotismo.

«Pareceu-me certo que a EXPOSIÇÃO de 1900 nos produziria esse abalo, descerraria nossos olhos, faria tomarmos com o dedo a grandeza real de tantos povos que se tornaram nossos rivaes; faria comprehendemos, emfim, o que é mister que saibamos, salvo conclusões diversas que dêem os factos, que não somos os mestres, que a hegemonia suprema não nos pertence, que a lei urgente, instante da nossa salvação é o esforço, é a lucta! A lição seria dura, talvez; parecia-me, porém, indispensavel.

«Certamente que a lição se deu: brilhante!

«Não ha duvida que na EXPOSIÇÃO fomos admiraveis. Quantos rivaes, porém, nos cercam de todos os lados e em todos os dominios? Como nos disputam sobre certos pontos; por

toda a parte se approximam de nós; attingem-nos aqui: quasi nos excedem acolá; e, certamente, nos excederão amanhã, si não redobramos de energia, de trabalho, de espirito de iniciativa!»

E' esta a linguagem dos grandes patriotas e pensadores francezes. Dos outros povos de igual civilização e progresso, salvo a INGLATERRA, retrahida pelos remorsos de uma guerra injusta e cruel, não é diversa a attitude e o sentimento.

Allemaes, americanos, russos, belgas, japonezes, hungaros, italianos, invadiram a grande capital, e vieram surprehender, pela indagação a mais curiosa e insistente, os segredos e milagres da industria e da arte dos outros povos. E' interessante ver como elles colhem todos os dados, reproduzem em seus pequenos *kodaks* ou apparatus photographicos, desenhem em seus canhenhos, tudo quanto possa interessar-lhes.

As industrias de todos estes povos mandaram a PARIZ desde os seus mais habéis directores até os seus mais insignificantes operarios. Houve

fabricas allemãs, americanas, russas, que vieram em massa, á custa de seus proprietarios.

Estas caravanas colossaes, em que se contavam por milhares os forasteiros, iam da *gare* á EXPOSIÇÃO, visitavam suas especialidades, e d'ahi voltavam de novo ao trem, que devia reconduzil-os á usina, ou ao *atelier* do seu labor quotidiano. A velha metropole do espirito e do prazer só se apercebia dessa passagem quando ouvia, atravez de suas ruas e *boulevards*, o passo pesado e firme, ou as canções monotonas e graves, desses heroes anonymos do trabalho e da riqueza.

No empenho de bem acolher os seus visitantes, PARIZ inaugurou, pouco tempo depois de aberta a EXPOSIÇÃO, uma maravilha: a nova *gare* de Orleans. Situada no *quai d'Orsay*, no lugar onde existiam as ruínas do antigo Conselho de Estado, incendiado pela Communa, essa esplendida installação tem deante de si o Sena e na margem opposta o Jardim das Tuilherias. Fazendo corpo com a *gare*, a companhia do Louvre construiu um dos mais bellos e confortaveis hoteis da EUROPA: o *Palais d'Orsay*.

Tanto nas paredes como nos tectos, quer da *gare*, quer do hotel, vêm-se pinturas assignadas por artistas dos mais notaveis da FRANÇA. Parece incrível que a arte tivesse penetrado nos dominios do carvão e do azeite. Abafar o ruido dos trens e das locomotivas, supprimir a fumarada das machinas, levantar sobre as paredes de uma estação de caminho de ferro os quartos calmos e luxuosos de um hotel, e fazer dos seus vastos passadiços claros e esplendidos recintos, em que as paredes alvas e as cornijas doiradas dão o aspecto de um festivo salão de baile ou de ampla e alegre nave de uma igreja moderna, só o Espirito da Arte, de que fala J. ROCHE, seria capaz de conceber e de realisar. Todos os trens que entram na nova *gare d'Orleans* são movidos por electricidade: as bellas pinturas que ahi se vêm, assim como as sumptuosas decorações que guarnecem, interna e externamente, o majestoso edificio, jamais serão ennegrecidas pelo fumo.

A mais fecunda e poderosa das industrias modernas converteu, transformou, os seus sombrios edificios em esplendidos palacios ou artisticos templos, onde a mais legitima das no-

brezas e a mais universal das religiões esculpem os seus braços, ou celebram a sua fé. Aos operarios vindos dos poços e galerias profundissimas das minas, das forjas sinistras, onde se fundem os canhões, do suado e penoso tumultuar das officinas, que impressão não teria causado essa *gare* garrida, elegante, clara e contente, como uma sala de festas?! Quem sabe quantos não viram nessa surpresa a realização de um sonho, sentir penetrar um dia nos antros os mais negros e mais tristes do trabalho um raio de luz alegre, sã, carinhosa, enchendo de vida e de conforto o coração das multidões que labutam e morrem?!

A demonstração mais eloquente do valor desta EXPOSIÇÃO está no interesse e cuidado com que a observam e a estudam os povos mais adeantados e mais cultos. E', sobretudo, o allemão quem a investiga sob todos os aspectos e quem colhe della a maior somma de idéas e de dados possiveis. No hotel em que estou, sobre 600 quartos, dois terços acham-se occupados por allemães. Ha dias em que elles affluem aos grupos de 60, 80.

O numero de visitantes brasileiros, si não foi dos mais consideraveis, não foi, entretanto, insignificante. O que os meus patricios não possuem é o espirito de observação e o habito de investigação e de analyse. Além disso, parece entre nós um certo cunho de superioridade de espirito o desdem com que, em geral, olhamos para os progressos dos outros povos. Poucos dias depois de aqui chegar, dizia-me um collega: Ora, a EXPOSIÇÃO é uma *blague*. Outro, encarregado de estudar uma das especialidades que mais variados e novos productos e applicações exhibiu, encolhia os hombros deante o meu ingenuo optimismo, e repetia-me: *C'est du camelot* quasi tudo quanto tenho visto.

Podemos dizer, como o escriptor francez: Somos um povo que chegou a persuadir-se que nada tem que aprender. Quando nos falam nas conquistas e progressos dos outros paizes, replicamos nós com o vigor dos nossos talentos, com a pujança das nossas riquezas naturaes, com a extensão colossal do nosso territorio. Dos primeiros, sabemos de cór os maravilhosos trechos de discursos e artigos de jornaes; dos segundos, isto é, das opulencias da nossa

natureza, mostramos o brilho inexcedível dos nossos diamantes e repetimos as enormes cifras de producção do café e da borracha; da extensão do nosso territorio, apenas confessamos não saber bem até onde elle vae e que ainda muitos dos seus trechos são menos conhecidos do que o centro d'África! Eis o que temos que registrar com quatro seculos de descobertos e oitenta annos de emancipados!

Entretanto, para nós, o francez é muito superficial e frivolo, o allemão não tem a facilidade e lucidez da nossa intuição, o inglez não possui a adaptação prompta e fecunda da nossa intelligencia e da nossa actividade: somos tudo quanto queremos ser, sem esforço, sem trabalho, e aquelles povos mourejam em uma lucta, perseverante e tenaz, de todos os dias, de todos os momentos!

Nesta lucta pelo esforço e pelo trabalho constante, em que as nações mais poderosas ainda se sentem insufficientemente apparelhadas, nós nos julgamos bastante dextros, e olhamos com indifferença para a preocupação de nos prepararmos! Com que sorriso de bonhomia indulgente deixam-me os meus patricios perce-

ber o que valem as exagerações do meu entusiasmo, quando falo nas maravilhas que vi e que estudei! De um alto personagem ouvi esta franca e louvavel confissão: Pois olhe, meu amigo, até hoje só fui lá, uma vez, ver as illuminações!

Tambem elle fez sempre mais do que a nação official, porque esta nem veio cá para as luminarias!

Como seria muito mais digno e util que podessemos repetir, como o escriptor francez, esquecendo o velho orgulho e os antigos preconceitos nacionaes:

«Não basta que tão vivas e fecundas impressões sejam sentidas por todos os visitantes da EXPOSIÇÃO; é mister que elles as conservem no espirito, para que sejam efficazes; e seria preciso que fossem communicadas a todas as imaginações, até ás mais humildes aldeias. Quizera que catalogos, como o d'ALLEMANHA, entre outros, onde estão reunidos, de modo tão evidente e tão simples, os documentos que mostram, por assim dizer, em sua realidade viva, esse temivel imperio, não menos forte pelo commercio quanto pelas armas,

fossem resumidos em monographias populares, que se espalhassem por todas as escolas primarias. As novas gerações beberiam ahi um ensino muito mais util do que em muitos dos livros «*approvedos pela Universidade*», e onde ellas aprendem, com tanto trabalho, milhares de cousas que deverão ter pressa em esquecer!»

Bello conselho em que mutuamente se elevam os vencidos e os vencedores de 1870!



IV

Palais d'Orsay, em Pariz, 26 de outubro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Um dos maiores attractivos e encantos da EXPOSIÇÃO, para aquelles que vieram conhecer e aproveitar a sua utilidade, é o character popular, e algumas vezes infantil, que ella assumiu. O espirito que a presidiu foi o de quem se propunha a fazer a mais vasta, a mais completa, a mais perfeita e a mais comprehensivel lição de cousas. Muita gente se aborreceu com essa minucia, qualificada de banal; sem razão, porém, porque longe vae o tempo em que só se comprehendia que figurassem nas exposições cousas extraordinarias, que nunca se haviam visto. Ere essa a noção, que, na minha infancia, se formava sobre taes fes-

tas do trabalho: nellas se viam casacas sem costuras, moveis que podiam servir a todos os misteres, objectos unicos, que, quasi sempre, pelo preço, pelo trabalho ou pela inutilidade, não se reproduziam. Não se contesta que em 1900 se tenham visto cousas semelhantes; houve mesmo quem tivesse a singular extravagancia de fazer uma casa com a cumieira no solo e os alicerces no ar; a preocupação geral, porém, foi apresentar o mais util, o mais perfeito, o mais bello, o mais confortavel, o mais commodo, o mais barato. E' interessante ver que, quanto mais adeantada a civilização do povo expositor, mais notorio e accentuado foi esse programma.

No pavilhão da INGLATERRA, por exemplo, ao lado das magnificas pinturas de TURNER, de LAURENCE, de RENOLDS, de RAINSBOROUGH, de HOPNER, vêem-se interiores de casas, salas, alcovas, quartos de banho, com as installações as mais confortaveis, commodas e simples que se podem imaginar, sem excluir o cunho artistico e sem desprezar o que se pode fazer bello. Nas secções americanas e allemãs, o mesmo senso pratico se observa. Depois de verem-se

as maravilhas de Saxe, productos os mais surprehendentes de perfeição e de gosto na ceramica, acham-se magnificas reproducções de estanho, em que vasos, pratos, objectos decorativos offerecem os mais bellos desenhos e as formas mais originaes da arte nova.

E' certo que nas exposições, e na actual mais do que em nenhuma outra, vêem-se objectos do mais alto valor artistico, trabalhos que revelam singulares e excepçionaes concepções, edições unicas de obras admiraveis, de talentos, que, por assim dizer, ficam esgotados: esta é a parte que vae para as collecções dos Estados, para as galerias dos reis e principes, ou para as residencias dos millionarios. Ha, porém, outra parte, não menos util, ainda que a considerem menos bella: é a que faz a felicidade e o goso do maior numero, aquella que é mais accessivel a todas as fortunas, a que se vende por centenas e milhares de vezes e que, si não tem a perfeição das obras primas, possui sempre alguma cousa de gracioso, de elegante, de bom, que espalha por toda parte o perfume e o gosto da arte.

Outro intuito muito interessante da Expo-

SIÇÃO de 1900 foi o de mostrar, com uma fidelidade e exactidão escrupulosas, cuidadosamente estudadas e reproduzidas, as transformações realizadas, durante os seculos findos, nas sciencias, nas artes, nas industrias.

Assim se constituiram as innumeradas exposições retrospectivas e museus centenaes.

Em algumas houve tambem o empenho patriotico, que ninguem poderia extranhar, pois que nenhum dos paizes expositores se esqueceu de salientar algumas de suas glorias, consagradas pelos proprios fructos da sua paz e do seu trabalho.

Era natural que a FRANÇA mais se distinguisse neste empenho, e são suas as mais bellas exposições retrospectivas, do *Palais des Armées* e do *Petit Palais*.

Da primeira é expressiva a inscripção—*Præteriti fides exemplumque futuri*. É a historia documentada de todas as glorias militares da FRANÇA, com a mais completa e eloquente authenticidade dos quadros de suas batalhas e dos retratos de seus heroes, das armas e despojos dos seus mais valentes generaes, dos typos mais brilhantes e populares dos

seus velhos soldados, despertando no sentimento nacional deste povo o fervor de um culto, o respeito e a veneração que devem inspirar os objectos sagrados de um templo. E' para ser visitada, por elles, de cabeça descoberta. A coragem, o valor e o civismo têm ahi uma bellissima lição de homens e de cousas. Eis porque disse, começando, que nenhuma outra exposição havia sido feita com o proposito mais accentuado de impressionar, e de instruir o povo, e sobretudo, as novas gerações. Desse effeito tive as mais vivas demonstrações, até com os meus proprios patricios.

Disse-lhe que as fabricas têm vindo em massa assistir á grande festa do trabalho; tambem as escolas e collegios o têm feito.

Tive a doce consolação de encontrar em affecto alheio aquillo que a minha nenhuma fortuna me impediu que dêsse aos meus: para mim, nenhuma ventura seria maior do que guiar oito filhos, que tenho, em uma visita diaria a esta colossal e deslumbrante feira de maravilhas, que a sciencia, a arte e a industria accumularam. Dois ou tres grupos de brasileiros têm sido os meus melhores compa-

nheiros. Como estas bellezas os estimulam; como são intelligentes, curiosos, avidos de tudo conhecer; como exercem a faculdade da investigação natural, a aptidão da analyse, de uma minucia ás vezes insupportavel; como são rigorosos e logicos no inquirir, ao ponto de difficultar a resposta prompta e embaraçar a explicação clara e completa; como é espontanea e justa a admiração que sentem e externam!

Vendo-os e ouvindo-os, dizia eu, commigo mesmo, por que obras do homem, ou por que artes do demonio, tudo isso se atrophia, deforma, degenera, e estas magnificas qualidades decrescem da creança ao homem, em vez de crescerem da infancia á virilidade? Educação, instrucção, influencia do meio social, que é que amesquinha ou anniquila o instincto de indagação, tão desenvolvido no menino brasileiro? Attribuem ao nosso finado e digno monarcha uma phrase, que fez muito mal ao seu reinado: dizem, sem duvida com exaggeração, que de cousa alguma lhe davam noticia que elle immediatamente não dissesse: *Já sei.*

Não posso garantir que seja verdadeira essa afirmação; o que é certo, entretanto, é que não ha phrase mais brasileira. A's vezes, ella é proferida com muito fundamento, o individuo realmente já sabe, e pode mesmo dizer que sabe bem; outras, porém, não sabe nada, não conhece, não viu cousa alguma, mas sente-se humilhado no seu amor proprio, parece amesquinhado no conceito que merece, diminuido no apreço dos que o ouvem, si disser que não sabe. Esse máo habito começa na escola, e vae até aos parlamentos ou a maiores alturas.

D'entre os meus patricios, que commigo conversavam sobre a Exposição, os que menos me diziam que a tinham visto e a conheciam eram as creanças, de sorte que estavam sempre promptas, tinham sempre o que ver, e até o que já haviam visto reviam com prazer, uma e muitas vezes. Fui com ellas, um dia, a uma festa encantadora: o grupo que me acompanhava, pela vivacidade e pela belleza, provocava a attenção de todos. Eram umas cabecinhas cheias de animação e de vida, destacando-se a de cabellos louros, lon-

gos e encaracolados, emmoldurando feições mimosissimas, que recordavam as creaturinhas adoraveis com que BOUGUEREAU cercou a sua *Regina Angelorum*; todo esse bando travesso garrulava em lingua extranha para aquelles ouvidos surprezos.

Estavamos no Velodromo de Vincennes; deante de nós desfilavam sete mil creanças das escolas municipaes de PARIZ. Ao som de marchas patrioticas, tinham o passo cadenciado, firme, seguro, o porte erecto, garboso, altivo, como si houvessem visto a velha guarda, e cada um daquelles fedelhos de blusa branca ou azul, de gorro graciosamente inclinado para traz ou para o lado, parecia reclamar os louros, que haviam coroados os soldados da *Grande Armée*.

Posso asseverar que o fremito de enthusiasmo, que percorreu a multidão, não me poupou tambem, e arrancou dos meus patriciosinhos um grito de admiração e de desejo, que elles mais sentiram que comprehenderam; grito que enviei á minha PATRIA, como uma aspiração e um voto: que ella seja forte e altiva em suas novas gerações, como foi nos heroes

que as suas tradições gloriosas amortalharam.
Præteriti fides exemplumque futuri.

* * *

A EXPOSIÇÃO não conseguiu sómente pôr ao alcance das intelligencias menos cultivadas as mais complicadas industrias, com uma simplicidade e evidencia incalculaveis; fez mais do que isso: deu ás formas as mais pesadas, sombrias e tristes do trabalho humano encantos, attractivos e bellezas, que longe se estaria de imaginar. Fomos visitar, eu e meus minusculos companheiros, o *Mundo subterraneo* e a *Exposição dos trabalhos de mineração* do carvão, do ouro, da prata, do ferro, do chumbo, do cobre, do sal gemma. Tivemos a illusão da descida de mais de 700 metros; vimos os processos primitivos e os modernos; percorremos vastas e illuminadas galerias subterraneas, com caminhos de ferro, ascensores, figuras de tamanho natural, representando todos os generos e typos de operarios; vimos a estratificação de todos os minerios, a reproducção exacta de suas cores e configurações; observamos todos

os instrumentos de trabalho e o modo do seu emprego.

As creanças farejavam todas aquellas curiosidades, com um interesse e um prazer extraordinarios. Onde, porém, esse interesse assumiu proporções de verdadeira seducção, de enlevo, foi quando ellas viram, movida por electricidade, toda a secção vertical da maior mina de ouro do Colorado. Ascensores, caminhos de ferro,apparelhos de carga e de descarga, movimento e trabalho dos operarios no interior das galerias, tudo em miniatura, dando não só a idéa exacta da parte material, como o movimento mecanico e a direcção de todo esse immenso formigueiro humano.

Foi preciso que duas vezes o guarda instasse com os pequenos para dar logar a outros visitantes, porque tinham findo o seu tempo, para que elles, com profundo suspiro, se resolvessem a sahir.

Assim como essa industria, todas as outras cercaram-se de eguaes attractivos e bellezas. Todas as machinas trabalham: tudo se faz á vista do visitante, desde o apparelho que fabrica a penna, o alfinete, o prego, até o *ratelie*

de Cristofle, que prepara garfos, colheres, facas; as forjas de bronze ou ferro, que reproduzem bustos e estatuas; as grandes installações de Meunier, que dão todas as phases de preparação do chocolate e fazem-n'o provar, em fontes correntes; o bello *Palais du Champagne*, em que, desde os processos de cultura da uva, até os ultimos residuos e transformações do precioso espumante, tudo se desenrola deante do espectador; as machinas colossaes, que dão um escoamento de 180 milhões de litros d'agua, para todo o serviço da EXPOSIÇÃO; os poderosissimos motores e dynamos, que não só fornecem toda a illuminação, como movem machinas de todas as naturezas e applicações. Entre esses colossos, que assim se deslocam, vêem-se prensas, que comprimem couças de trinta centímetros de espessura, canhões de 14 metros de comprimento, que giram como o ponteiro de um relógio. A maior somma de força que se tem produzido e accumulado no mundo, em tão pequena area!

Nunca tambem se accumulou em tão pequena area tanta intelligencia, tanto esforço, tanta perseverança, tanto trabalho!

Ainda hoje recapitulava eu, do alto da esplendida escadaria do *Grand Palais*, a impressão que me havia deixado essa infinidade de trabalhos de esculptura em marmore, em bronze, em gesso, que inundam a grande nave, sob a maior das abobadas, que se têm feito, de ferro e de vidro. Eram todas as nações disputando, com os braços, erguidos para o céo, como os Antheos da fabula, a luz da gloria e do genio. Que somma colossal de esforços, de tentativas, de ensaios, e de experiencias de sonhos e de desillusões, de vigílias e de labores, não custou essa deslumbrante collecção de creações da Arte, em que as obras primas se amontoam, em que o espirito se sente offuscado pela rapidez com que ellas se succedem e se multiplicam! Quem é que não se sentirá orgulhoso do seu tempo, amigo do seu seculo, crente no futuro e na grandeza do homem, vendo o que podem o espirito livre e illuminado, o braço forte e intelligente! Que importam todos os males das sociedades, todas as injustiças dos povos, todos os crimes dos homens, si ha duas cousas que elles não podem

destruir: a força do talento e o poder do trabalho!

E em meio dessa inesgotavel torrente de concepções, dessa fecundidade prodigiosa de idéas e de formas, em que as expansões da arte vão da realidade sã, nobre, serena, aos espasmos e convulsões do delirio, do vago e mysterioso idealismo ás mais cruas e brutaes formas da decadencia sensual, via pairar a esplendida criação de LARCHE—*Christo entre os doutores*. Nunca o bronze exprimiu melhor o sentimento profundo da fé, a aspiração forte e indizível dos que crêem e dos que amam! O olhar da CREANCA, falando aos que o interrogam, paira no infinito, desvenda os seculos, penetra nos mais longinquos horisontes, transpõe o tempo e o espaço! Ninguem ouve o que diz aquella estatua, mas não ha quem não sinta a eloquencia daquelle olhar, antevendo e saudando um mundo inteiramente novo, que as suas doutrinas iam fundar!



V

Palais d'Orsay, em Pariz, 29 de outubro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Um dos intuitos da EXPOSIÇÃO, o primeiro para alguns, o ultimo para outros, foi o de fazer negocio. Como empreza commercial, raras exposições têm sido bem succedidas, e sómente PARIZ conseguiu até hoje este resultado. E' mister, porém, distinguir, sob este aspecto, a parte que cabe collectivamente á nação, do que diz respeito a este ou áquelle individuo particularmente. Ainda ha a considerar os lucros apurados, no momento, pela Cidade ou pelo Estado, pelo commercio de PARIZ ou da FRANÇA inteira, por esta ou aquella especialidade commercial; e as vantagens futuras para a riqueza nacional ou para o es-

forço individual neste paiz. Não é facil desde já calcular a somma de resultados colhidos, ou que ainda virão a sel-o, pelo commercio francez e pela sua producção e riqueza. Si as vantagens politicas produzidas pela EXPOSIÇÃO foram evidentes, recebendo quer a Republica, quer o governo actual, as mais significativas consagrações de confiança e de estabilidade, as commerciaes e economicas, que dependem de um concurso tão complexo de circumstancias, não podem ser apuradas com a mesma facilidade e evidencia.

Ha dias escrevia CORNELY, um dos mais habéis redactores do *Figaro*:

«A mania de denegrir a EXPOSIÇÃO tem sido uma das fórmas do nacionalismo. Parece que a gente que faz profissão de amar a sua patria julga-se obrigada a proclamar-a incapaz de organizar qualquer cousa asseiada. Ninguem esqueceu ainda o entusiasmo com que ella acolheu a noticia de que desabara um passadiço, que se haviam dado casos de insolação e outros accidentes. Ninguem esqueceu ainda com que gritos de alegria nossos collegas de opposição acceitaram a collaboração de propieta-

rios de restaurantes e empresarios de espectaculos, que se queixavam de não ter publico bastante para ganhar dinheiro. E, hoje, ainda alguns jornaes acham meio de ter redactores que affirmam gravemente, e na primeira pagina, que a EXPOSIÇÃO foi um logro, e annunciantes, que juram, na terceira, que ella foi um grande successo. A verdade, desta vez, está do lado dos annuncios.

«Sem duvida que alguns proprietarios de restaurantes e empresarios de espectaculos illudiram-se em suas previsões. Estas, porém, eram loucas. Conheço um, dos mais enfurecidos, em cujo restaurante fui almoçar no dia da inauguração. Contou-me as despezas que havia feito e os gastos que tinha de subvencionar; e em uma folha do meu canhenho mostrei-lhe, com algarismos, que, ainda quando suas mezas fossem inteiramente occupadas todos os dias, elle não tiraria para as despezas. Ainda não havia pensado nisso.

«Em todo caso, as queixas destes infelizes estão em mãos de arbitros escolhidos por elles, e cuja decisão será peremptoria e irresistivel.

«Alguns d'entre elles, aliás, não mereciam

verdadeiramente nenhum exito. O que offerciam não valia o dinheiro que pediam.

«Pode-se dizer, ao contrario, que todos aquelles que trouxeram qualquer cousa de interessante e de novo, não importa que especialidade da EXPOSIÇÃO, vão-se embora contentes com ella e com PARIZ. Conheço restaurantes, onde ainda *se faz cauda* para encontrar logares.

«Sei de um kiosque, que ganhou até 2.000 francos, por dia, em vender fatias de presunto a 30 centimos.

«E quanto aos divertimentos pode-se crer, por exemplo, que o *Stereorama movel* tenha que se queixar? Era uma das cousas mais novas e encantadoras da EXPOSIÇÃO. Poderia citar um joalheiro, que fez cerca de 4 milhões, de negocios: um ceramista, que soube incrustar esmaltes translucidos em pastas fusiveis, que vendeu todos os objectos de sua vitrina por preços fabulosos. E os japonezes, que viram todos os seus productos disputados com ardor! E os dinamarquezes, cuja porcellana não chegava para os pedidos! E os noruegueses, a quem se arrancavam os esmaltes! E os marmoristas italianos, que vendiam até 300 vezes as suas

produções! E os electricistas allemães! E os milhares de machinas francezas ou estrangeiras, que tinham todas a menção: *Vendida 10 vezes, 20 vezes!*

«Em summa, fez-se negocio. Foi-se além disso medalhado, premiado, condecorado. Todo mundo deve estar contente com a EXPOSIÇÃO, e todo mundo terá saudades della. Eis a verdade.

«Todos aquelles que quizeram instruir-se, formar a intelligencia e o gosto, encontraram sem esforço os materiaes necessarios ao aperfeiçoamento da propria personalidade. A EXPOSIÇÃO ficará como o mais prodigioso acervo de obras primas, que jamais appareceu na superficie do globo! Eis tudo!»

Quanto ao movimento communicado por ella a todos os ramos de negocio e de vida em PARIZ, si não houvesse o spectaculo quotidiano que offerecem os seus theatros e restaurantes constantemente cheios; os seus grandes centros de venda a retalho, como o *Louvre*, o *Bon-Marché*, o *Printemps*, a *Ménagerie*, etc., onde os compradores mal se podem mover; si não bastasse a concurrencia de seus

grandes hoteis com 600, 800, 1000 quartos literalmente occupados; a leitura simplesmente da estatistica de passageiros, que entram e sahem da grande cidade, demonstraria o augmento extraordinario da sua actividade. A ultima semana, que aliás não foi a mais avultada, comparada com a identica do anno passado, dá um excesso de 2.621.000 passagens pelas cinco grandes gares, *Lyon-Mediterranéé, Orleans, Est, Nord e Midi.*

E' facto, pois, que, commercialmente falando, a FRANÇA, ou pelo menos PARIZ, lucrou muito com a EXPOSIÇÃO. Isto quanto ao lucro immediato; quanto ás vantagens futuras, a questão é muito mais seria, e só o esforço e a iniciativa dos francezes poderão acautelar e garantir. E' certo que uma cousa ficou incontestavelmente provada: quem viu a EXPOSIÇÃO, fossem quaes fossem as prevenções que nutrisse, fossem quaes fossem os preconceitos ou resentimentos de nacionalidade ou de raça que porventura tivesse, não pode contestar a vitalidade, o vigor, as aptidões, energias e talentos deste povo, ou antes dos povos latinos, cuja decadencia era o estribilho obrigado

das apreciações e criticas dos philosophos e jornalistas.

Ainda mais: um outro facto facilmente se conseguiu apurar: o que os povos anglo-saxões apresentaram extraordinario e admiravel trazia sempre o cunho, o character, ou a origem, proxima ou remota, evidentemente latina.

O *clou* da esplendida exposição do pavilhão allemão foram os magnificos quadros de WATTEAU, pintor francez, que guarnecem os aposentos particulares de GUILHERME II. Os primorosos effeitos de tapeçaria do pavilhão inglez são evidentes inspirações dos admiraveis Gobelinos, ou das magnificas collecções de ESCURIAL, que a HESPAÑA exhibiu.

Si a arte e o gosto francezes ou latinos nada perderam, e ao contrario tudo tiveram a ganhar com a EXPOSIÇÃO, talvez o mesmo não se possa dizer com a sua capacidade e actividade para as largas e economicas producções. O problema industrial, intimamente ligado ao movimento commercial dos povos, depende essencialmente destes dois factores: vender muito, para produzir o bom e o barato; e, vice-versa, vender o bom e o barato, para produzir muito. Para

conseguir este resultado ou o emprego efficaz destes elementos de progresso e de riqueza, é mister, primeiro que tudo, a perfeição economica dos instrumentos de trabalho, a habilitade commercial dos instrumentos de venda. Neste sentido é que é evidente a desigualdade de condições dos povos latinos, e incontestavel a superioridade dos povos saxões, sobretudo o allemão. A industria latina, e sobretudo a franceza, fez-se com as velhas machinas, e em um periodo que não conhecia ainda as admiraveis applicações e conquistas da mecanica moderna. A industria allemã pode-se dizer que data de 1870, da unificação ao imperio e, sobretudo, das sabias leis de MIQUEL, e organisou-se aproveitando e aperfeiçoando tudo quanto os recursos novos, os progressos contemporaneos introduziram nas fabricas, usinas e *ateliers*, revolucionando inteiramente o velho regimen.

A industria franceza, para se transformar hoje, acompanhando os aperfeiçoamentos mecanicos, as reduções no custo da industria allemã, teria que abandonar todo o antigo *outillage*, o que importaria numa perda consideravel de capital,

diante da qual ella hesita, recúa. Com os velhos instrumentos de trabalho ninguem produz mais perfeito, mais elegante, mais gracioso, do que o francez; o preço e a commodidade, porém, não podem competir com os da produção allemã. Isto quanto á perfeição economica dos instrumentos de trabalho; quanto á habilidade commercial dos instrumentos de venda, o allemão sobrepuja o francez com uns methodos, processos e disciplina admiraveis.

Emquanto a industria e o commercio francezes, por suas leis, por seus costumes e habitos, pela restricção progressiva da sua iniciativa, circumscrevem-se cada vez mais ás suas fronteiras, o commercio e a industria allemães expandem-se, alargam-se, invadem todos os mercados, e disputam com vantagem todas as concurrencias. Emquanto o povo francez faz as suas brilhantes exposições periodicas, que custam milhões e que deslumbram os felizes que podem vel-as, os allemães têm exercitos de *commis-voyageurs*, que percorrem o mundo inteiro, mostrando por toda a parte os productos da sua industria, colhendo compradores

e estabelecendo relações commerciaes por onde passam.

Já o anno passado dizia eu ao ministro do commercio francez, mr. DELAMBRE, antecessor do actual: Apesar da nossa filiação latina, da ascendencia que o povo francez sempre exerceu sobre nós, que nos educamos pelos livros francezes, que nos inspiramos na litteratura, nas artes, na sciencia francezas, que vestimos por muito tempo os artigos francezes, apesar de tudo isso, é consideravel a diminuição que tem soffrido o commercio francez no Brasil. Outr'ora havia não só numerosas e grandes casas francezas de commercio, como certas especialidades eram quasi que um monopolio francez. Livros, joias, artigos de moda ou fantasia eram, quasi que exclusivamente, negociados, entre nós, por francezes. Hoje são raras estas casas commerciaes. A industria dos vinhos, largamente apreciada pelas mezas de fortuna brasileiras, é hoje quasi que inteiramente substituida pelos productos similares de outras procedencias.

Em uma serie de artigos escriptos no *Figaro*, sob o titulo *La crise du vin*, diz, um des-

tes dias, JULES HURET: «Exportava-se, por mez, para não citar outro exemplo, 30 a 40.000 hectolitros para a REPUBLICA ARGENTINA. Actualmente, lêde as estatisticas, a custo se embarca a mesma quantidade durante um anno!» Isto que se affirma em relação aos vinhos, applica-se a quasi todos os outros artigos de producção e industria, que fizeram a riqueza da FRANÇA. A EXPOSIÇÃO virá melhorar este estado de cousas? E' muito difficil affirmar. Uma desvantagem ella teve: é que tudo quanto a FRANÇA apresentou melhor, já os outros povos, mais diligentes e desembaraçados, copiaram ou conservaram, para reproduzir e vulgarisar, em maior escala e por menor preço.

Tem-se querido attribuir a relativa decadencia commercial da FRANÇA ás leis proteccionistas do ministerio MELINE. E' possivel que ellas tenham influido: o mal, porém, parece provir da educação franceza e dos processos do seu commercio. Ha phenomenos interessantes e quasi que paradoxaes na vida e no character dos povos: o francez individualmente é economico, quasi que avaro, e collectivamente é generoso, quasi que prodigo; o francez

individualmente é rotineiro, conservador, e collectivamente innovador, progressista. A educação franceza prepara os filhos para contar com a fortuna dos paes e para, quando muito, augmental-a; o commercio francez conserva ainda hoje os processos de cincoenta annos, é um mero consignatario das fabricas, e só se responsabilisa pelo que vende. E' obrigado assim a comprar caro e vender caro, sem o estímulo de quem procura vender o que já é seu e que, si não fôr vendido, está perdido. O commercio inglez e allemão, que já invadiu as maiores casas das melhores ruas e *boulevards* de PARIZ, não se atrophia neste circulo estreito, compra muito, e conseguintemente mais barato, maneja mais larga esphera de capitaes, pode vender por preços mais modicos e alargar dia a dia a sua clientela. A educação franceza mantem eternamente os francezes na FRANÇA e sob a protecção patriarchal e tutelar da familia, que, para assegurar assim o seu bem estar, se restringe, diminuindo a natalidade, isto é, fraudando a fecundidade natural e sã dos povos robustos e moralizados. O francez, mais ou menos satisfeito com os

gosos e recursos que a patria e a familia lhe dão, não emigra: emquanto o allemão e o inglez se educam para fazer, pelo proprio esforço, a independencia e a fortuna, sem contar com a herança paterna ou o conchego enervante da patria, e percorrem o mundo inteiro levando comsigo uma iniciativa e um esforço, que cream o melhor e o mais efficaz dos imperialismos, a expansão da influencia e dos interesses commerciaes do seu paiz. Fazer-se por si mesmo: eis a melhor e a mais completa das divisas do homem moderno.

Para conseguir este resultado, tive eu occasião de dizer a um homem de Estado francez, nada devia ser mais efficaz do que a liberdade de testar. «No dia em que a decretassemos, replicou-me elle, todos os bens particulares em FRANÇA iriam parar ás mãos das congregações religiosas.» E' este o mesmo receio do recente discurso do presidente do conselho, mr. WALDECK-ROUSSEAU, proferido em TOULOUSE.

Ha poucos dias, o correspondente do *Matin*, descrevendo a festa de recepção dos voluntarios de LONDRES, dizia o seguinte:

«Imaginae por um instante a extensão de

seis kilometros na mais vasta capital do mundo: uma abobada de estandartes, bandeirolas, flammulas, galhardetes, levantada sobre todo esse trajecto; centenas de casas inteiramente cobertas de plumas, kepis, colchas de velludo escarlate, grinaldas e festões de flores; cinco milhões de individuos suspensos, como cachos pendentes de arvores, dos bicos de gaz, do madeirame dos coretos e palanques, dos telhados, dos balcões, das palissadas; cem mil lojas desembaraçadas dos seus mostradores e installações e convertidas em tribunas, onde os logares se pagavam de uma libra até dez guineos; imaginae tropas de todas as armas e de todas as classes, artilheiros, *horseguards*, infantes, *pollicemen*, voluntarios de farda vermelha, cinzenta, preta, verde, de capacete e pennacho, barretina, chapéos de feltro, tudo isso formando alas; imaginae esse conjuncto por um momento, e tereis idéa do golpe de vista que offerecia LONDRES nessa tarde, pelo menos do que eu descortinava do alto da escadaria da cathedral de S. Paulo.

«Todo o *Ludgate Hill*, toda a *Fleetstreet* fôra invadida pela multidão desde meio dia,

e durante tres horas e meia a vaga humana silenciosamente bateu ás fachadas. Em S. Paulo mesmo, desde uma hora, os adros regor-gitavam de espectadores privilegiados, que haviam podido obter uma carta de admissão para o serviço religioso. Todas as auctoridades civis, muitos membros do corpo diplomatico, magistrados, funcionarios, o escol da sociedade, das universidades, da capital.

«Ao lado de mim, semi-esmagado de encontro a um pilar, achava-se o director de um dos grandes collegios de OXFORD, a quem eu tinha tido a honra de ser anteriormente apresentado. Com o dedo mostrei-lhe a Cathedral já repleta de summidades da politica, das artes, da sciencia; e formulei-lhe uma questão, que ha muito me causticava os labios e que, estou certo, deve atormentar o espirito de mais de um leitor destas linhas:

«Mas, emfim, disse-lhe eu, porque tantas honras para estes, e não para aquelles? Porque estas preferencias para os voluntarios de LONDRES, e não para os escossezes, que se fizeram massacrar em DUNDEE, para os fuzileiros de NORTHUMBERLAND, que cobriram heroi-

camente a retirada de STORMBERG, para os soldados de GALLES, que resistiram até ás ultimas em COLENZO?

«Porque, disse-me elle, os escossezes, os de NORTHUMBERLAND, os de GALLES, e todos os outros, eram soldados de officio, de profissão, emquanto estes foram voluntarios; porque estes eram *clerics* da cidade, medicos, advogados, estudantes, e é a primeira vez na historia da INGLATERRA que um corpo assim se forma; porque, não só elles não foram apanhados, em um dia adverso, em um canto de *Trafalgar square*, pelo sargento recrutador, como ainda porque abandonaram collocações lucrativas para irem se bater pelo seu paiz; porque, sobretudo, elles é que se offereceram, constituiram-se em batalhões, foram levados pelo proprio estímulo, quasi que se fardaram e se equiparam ás suas custas. Em summa, não deram prova somente, como seus camaradas, de coragem, de resistencia ás privações, ou de abnegação; elles deram prova daquillo que nós outros, os inglezes, collocamos acima da dedicação, até acima do heroismo: deram provas de *iniciativa*.»

Eis, em uma unica palavra, a synthese mais

vigorosa, a formula mais completa e eloquente do merito, a expressão mais poderosa do valor, da coragem e do esforço, a grande força das modernas sociedades: a *iniciativa*. Si os povos da EUROPA precisam de adoral-a, que precisamos nós, em que ella—ou existe como o facho insensato, que agita as loucuras e os desmandos de ambiciosos, nas jogatinas da Bolsa, nos azares da politica, ou se arrasta como uma victima, perseguida pelo desdem dos satisfeitos e pelo escarneo dos ignorantes ou dos desilludidos? Si a EXPOSIÇÃO puder dar á FRANÇA um poderoso e perseverante espirito de iniciativa, transformando a velha mecanica da sua industria, alargando os intuitos e os processos do seu commercio, serão colossaes as vantagens que produzirá.

E nós, quem nos dará a grande força que tem convertido e levantado os povos?



The first part of the paper is devoted to a general
 consideration of the problem. It is shown that the
 problem is equivalent to the problem of finding
 the minimum of a certain functional. This
 functional is defined as follows:

$$J(u) = \int_{\Omega} |\nabla u|^2 dx + \int_{\Omega} f(x) u dx$$

where Ω is the domain of interest, ∇ is the gradient operator, and $f(x)$ is a given function. The minimum of this functional is attained at a function u which satisfies the boundary value problem

$$\Delta u = -f(x) \text{ in } \Omega, \quad u = 0 \text{ on } \partial\Omega$$

where Δ is the Laplace operator and $\partial\Omega$ is the boundary of Ω . The existence and uniqueness of the solution of this problem is well known. The second part of the paper is devoted to the construction of a numerical method for the solution of this problem. The method is based on the finite element method. The domain Ω is divided into a finite number of elements. The solution is approximated by a function which is linear on each element. The minimum of the functional is then found by minimizing the functional over the space of such functions. The error of the method is estimated and it is shown that the method converges to the exact solution as the number of elements increases.

VI

Palais d'Orsay, em Pariz, 5 de novembro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Tem-se accusado a EXPOSIÇÃO de 1900 de ser excessivamente grande e, por conseguinte, de causar muita fadiga e offerecer muita difficuldade a quaesquer observações e estudos detalhados e completos.

E' verdade que a area occupada, ainda com exclusão do annexo de VINCENNES, é tres ou quatro vezes maior do que a de 1889.

Um outro facto, porém, se dá, que mais multiplica o espaço util: os palacios e pavilhões, que então eram de um só andar, têm hoje dois e tres pavimentos. Além disso, a distribuição das secções, grupos, classes e objectos, obedeceu a alguns dos methodos usados

em CHICAGO, isto é, cada paiz tem, no seu pavilhão, o que lhe pareceu mais digno de interesse e curiosidade local, alguns guardam apenas elementos, dados ou documentos de informação, enquanto os productos de suas artes e industrias figuram nos respectivos palacios, destinados a taes secções, grupos e classes, ao lado dos artigos similares dos outros paizes. E' assim que no *Grand Palais des Champs-Élysées* vêem-se, sob a cupula colossal de vidro que lhe dá o aspecto e as proporções do maior *atelier* do mundo, e que ficará reservado aos SALONS annuaes futuros, trabalhos de esculptura de todos os paizes expositores; assim como, nos salões que circulam essa immensa nave se encontram pinturas, aquarellas, desenhos, pasteis, miniaturas, gravuras, lithographias, gravuras em medalhas e pedras finas, e architectura desses mesmos paizes.

O *Petit Palais*, que todos reputam a obra prima, um verdadeiro mimo de architectura da actual EXPOSIÇÃO, foi destinado á Arte retrospectiva franceza. A *Avenida Nicoláo II*, que começa entre estes dois palacios, que con-

tinúa com a maravilhosa ponte de *Alexandre III*, prolonga-se até em frente do celebre monumento dos *Invalidos*, tendo á esquerda e á direita duas vastissimas galerias de uma architectura original, cheia de combinações e effeitos surprehendentes, formando um estylo proprio, completamente diverso de tudo quanto se tem feito, e destinadas ás artes e industrias de decorações e moveis dos edificios publicos e das habitações francezas, á esquerda, e estrangeiras, á direita.

E' ahi que se encontram objectos de decoração fixa dos edificios publicos e das habitações, *vitraux*, papeis pintados, moveis baratos e de luxo, tapetes, tapeçarias, e outros tecidos decorativos, decoração movel e outros trabalhos de tapeceiro, ceramica, crystaes, vidros, bronzes, objectos d'arte, de ferro e de outros metaes fundidos ou batidos, ourivesaria, joalheria, bijouteria. Tambem nestas galerias é que se acham a papelaria, a industria do marroquim, do caoutchouc, de gutta-percha, objectos de viagem e de acampamento, brinquedos e relojoaria.

As margens do SENA, desde a praça da

Concordia, para onde dá a Porta monumental, criação que recorda, pelo seu estylo e pelas cores de sua pintura e de sua illuminação, alguma cousa de oriental e de fantastico, até o *Campo de Marte*, estão cobertas de bellissimas installações, de aspectos variadissimos, concepções, planos e execuções diversissimas na forma, nas cores, na decoração; gosto e estylo de todas as epocas, de todas as nacionalidades, de todas as escolas. A parte do rio assim comprehendida divide-se em dois trechos: o primeiro, da ponte dos *Invalidos* á ponte d'*Alma*; o segundo, a partir desta ao *Trocadéro*. O trecho da ponte dos *Invalidos* á ponte d'*Alma* o mais bello do rio, por ser o mais largo e não ter curvas, e onde se fizeram as deslumbrantes festas venezianas e os fogos de artificio fluctuantes, tem, á sua margem direita, a rua das *Nações*, onde se acham em primeira linha, na frente, os palacios das potencias, na seguinte ordem: ITALIA, TURQUIA, ESTADOS-UNIDOS, AUSTRIA, BOSNIA-HERZEGOVINA, HUNGRIA, GRÃ-BRETANHA, BELGICA, NORUEGA, ALLEMANHA, HESPAÑHA, MONACO, SUECIA, GRECIA e SERVIA; na segunda linha, ou por traz, DINA-

MARCA, PORTUGAL, PERÚ, PERSIA, LUXEMBURGO, FINLANDIA, BULGARIA, ROUMANIA.

A margem opposta do mesmo trecho é occupada: em frente, pelo *Pavilhão da Cidade de Paris*, o estudo mais completo e instructivo que se pode fazer da evolução, do organismo e das funcções de uma cidade; pelas secções franceza e estrangeiras de horticultura e de arboricultura, em esplendidas estufas, que, de 15 em 15 dias, reproduziam deslumbrantes exposições de flores, plantas e fructas; pelo *Palacio da Dança*, elegante e graciosa producção da arte nova; e pelo *Palacio de Economia Social*. Por traz e do mesmo lado, fica a rua de *Paris* com quasi todas as attracções e divertimentos da EXPOSIÇÃO.

No *Pavilhão da Cidade de Paris* encontram-se todos os dados, esclarecimentos e reproducções, em miniatura, dos serviços municipaes da grande capital: secção de calçamentos, de madeira, preparação dos parallelepipedos desta natureza, arvores que os fornecem, *ateliers* municipaes, em que elles se fazem, diagrammas annuaes da producção e applicação de tal especie de calçamento, formação

do leito para recebê-lo; calçamento de asphalto, de paralelepipedos de pedra; iluminação electrica, divisão em districtos, circumscrições pertencentes a empresas diversas, redes de transmissão, officinas de producção, systemas diversos adoptados; iluminação a gaz, distribuição, redes de canalisação, gazo-
metros, medidores, installações domiciliarias; serviço de abastecimento de aguas: aguas de fonte, aguas do rio, aguas do sub-solo, aguas filtradas, aguas clarificadas, aguas potaveis, aguas de lavagem ou de uso industrial, aguas para o asseio das ruas e esgotos, canalisações, bombas de supprimento, consumo, hygrometros; serviço de esgotos: plantas de toda a rede antiga e moderna, grandes, medios e pequenos collectores, *facsimiles* exactos das obras monumentaes dos esgotos de PARIZ, machinas automaticas em acção á vista do espectador, trens de ferro, apparatus de descarga e de lavagem, em summa toda a vida interior desse grosso intestino da grande cidade; campos de irrigação: reproducção fiel reduzida dos terrenos irrigados e fertilisados, aguas colhidas nesses terrenos, vegetaes ahi cultivados, VANNES,

GENNEVILLIERS, ACHÉRES; serviço de abastecimento de viveres: rede das estradas e caminhos, vias ferreas ou de rodagem, pelas quaes entram os gados, as hortaliças e legumes, os vinhos e os productos alimentares de todas as naturezas, matadouros, mercados, serviço de fiscalisação, laboratorios de bromatologia e de bacteriologia, material empregado, estudos feitos, zoonoses, museu bacteriologico e pathologico, collecção de venenos vegetaes ou mineraes, que se podem observar nos artigos de alimentação; serviço do saneamento das ruas, do ar das habitações, do ar do solo, do ar do sub-solo, do ar dissolvido nas aguas, do ar dos pontos baixos ou altos da cidade, ozonometria, hydrometria, carbonometria, ammonometria, bacteriologia do ar atmosferico; serviço de natalidade: nascimentos, distribuidos pelos quarteirões da cidade, fecundidade relativa, registros, estatisticas, maternidades, amamentação natural e artificial, *couvèuses* ou estufas de criação, supprimento e fiscalisação do leite humano e do gado, conservas do leite, *crèches*, asylos de infancia, molestias infantis, distribuição topographica de sua

apparição e frequencia, estatisticas, vaccinações obrigatorias e facultativas, isolamentos, desinfecções, institutos vaccinogenicos, estações vaccinatorias, hospitaes, notificações compulsorias, assistencia sanitaria, domiciliar das creanças; serviço de lethaldade: distribuição topographica da mortalidade, coefficients dos diversos quarteirões, naturezas das molestias que mais fazem crescer estes coefficients, periodos annuaes de exacerbação, estudo comparado dos diversos mezes e annos, influencia dos meios de sanificação, diagrammas detalhados e comprobatorios, affecções epidemicas, hospitaes, sanatorios, cemiterios, inhumações, cremações; serviço de assistencia publica: postos medicos, serviços de segurança, asylos, hospicios, dormitorios, albergues, refeitórios, onde os que não têm tecto nem pão podem encontrar uma enxerga ou um caldo; serviço de ordem publica, de repressão ou correccão dos crimes: historia, curiosamente documentada, da prefeitura de policia, galeria dos prefeitos, annaes mais interessantes dos crimes politicos, instituições, funcionarios, leis, costumes e instrumentos da policia, prisões,

antigas e modernas, penitenciarias, anthropometria, galeria internacional dos methodos, processos e resultados da escola Bertillon.

No andar superior desse bellissimo pavilhão é o PARIZ moral e intellectual que se vê. Do lado esquerdo, as diversas salas, que se succedem, contém os planos e *maquettes* dos seus grandes monumentos, e os retratos, bustos, mascaras, recordações dos seus homens mais eminentes, nas artes, nas sciencias, na politica, na literatura e na benemerencia nacional. Do lado direito, encontram-se os trabalhos dos alumnos das escolas de 1.º, 2.º e 3.º grãos, das escolas profissionaes e de applicação. Não ha uma só arte, officio ou industria que não esteja representado, com vantagem, nesse ensino. Da vasta balaustrada, que circula o pavimento superior, vê-se o centro do PAVILHÃO, onde, em um pequeno jardim que contém os originaes de diversas obras primas da esculptura franceza, se destacam tres bustos dos engenheiros que realisaram a obra moderna do saneamento da cidade: BELGRAND, ALPHAND e DURAND-CLAYE. Para attestar o que foi essa obra, fez o municipio a sua exposição retro-

spectiva, desde os planos primitivos da LUTECIA, e infelizmente pode ainda conservar, em raros quarteirões, cujas casas estão lá reproduzidas, as fossas fixas e moveis, onde o solo de PARIZ ia saturar-se dos elementos fataes, que tanto mal fizeram á sua população.

Nas instituições destinadas á horticultura e arboricultura vêem-se o material e processos de horticultura e arboricultura: plantas de horta; arvores fructiferas e fructos; arvores, arbustos, plantas e flores de ornamentação; plantas de estufa; sementes, enxertos, estacas, creações, sementeiras.

No *Palacio de Economia Social* encontra-se tudo quanto diz respeito á aprendizagem e protecção da infancia operaria; remuneração do trabalho, participação nos beneficios; grande e pequena industria, associações cooperativas de producção ou de credito, syndicatos profissionaes; grande e pequena cultura, syndicatos agricolas, credito agricola; garantias de segurança e de bem estar dos *ateliers*, regulamentação do trabalho; sociedades cooperativas de consumo; instituições para o desenvolvimento intellectual e moral dos operarios;

instituições de previdencia; iniciativa publica ou privada, em vista do bem estar dos cidadãos, assistencia publica. Uma parte complementar, muito bem feita e muito interessante, vê-se no annexo de VINCENNES: é a que comprehende as habitações operarias.

Nada poderia deleitar mais o espirito do visitante, nada poderia impregnal-o mais de encantos, de doces e bellissimas emoções, de attractivos delicados e sensiveis, do que esses grupos, que ahi se reuniram, margeando o mais poetico e deslumbrante trecho do SENA e da EXPOSIÇÃO, onde a natureza e a arte deram o *rendez-vous* de suas magnificencias e seducções.

Quem, depois de ter visitado o *Pavilhão de Paris*, ahi tiver colhido o conforto moral das grandes conquistas da sciencia e do trabalho, enthesouradas para o bem estar dos que luctam e dos que soffrem, no seio das cidades e dos povos; quem, depois de ter visitado o *Palacio de Economia Social*, houver lido em suas paredes, não as inscripções que nos festins dos soberanos barbaros annunciavam a divisão e a morte dos imperios, mas a doutrina benefica,

o exemplo salutar, a pratica auspiciosa das mais bellas virtudes christãs, editadas em todas as linguas, vulgarisadas por todas as classes, generalisadas por todos os povos, unindo os homens, fortificando as nações, dominando o mundo; quem, depois do duplo espectaculo em que se purificam, se revigoram, se engrandecem o Lar, a Patria e a Humanidade, penetra nesse paraizo da natureza, morada divina das flores, paredes de crystal, por onde o sol se infiltra como a alegria e o amor em uma consciencia sã; arte de mysterios e revelações inexgotaveis, vaga caprichosa que embala mundos e mundos de fantasias, aura fina e subtil que semeia a inspiração como o pollen fecundo dos mais perfumados e formosos ideiaes, eterno idyllio beijado ás claridades do dia ou nas confidencias da noite, cantico dos canticos, em que a SULAMITA adorada é a NATUREZA, regaço que não envelhece nas caricias e no vigor; quem, depois de tudo isso, desse contacto de fadas, transpondo a vasta esplanada que separa as duas immensas redomas, onde as rosas, os chrysanthemos, os geranios, os lyrios, as azaléas, os cravos, as orchideas, as betunias, os

cactos, às begonias se congregaram em festa de deslumbrantes e irresistíveis tentações,—descortina o rio caudaloso, que arrastou, em suas aguas seculares, tantas desgraças e tantos triumphos, e, em torno d'elle, essa infinidade de palacios, torres, agulhas e minaretes, vindos de toda a parte, falando da grandeza e civilisação de todos os povos, attestando o sentimento universal da força fecunda da paz e do trabalho, amparando todas as conquistas da liberdade e do direito; quem uma vez tiver contemplado essa esplendida visão, com os olhos d'alma, que crê e que aspira, pode fechar as palpebras e dormir tranquillo no seio immortal que fez a NATUREZA e que fez a ARTE.



VII

Palais d'Orsay, em Pariz, 15 de novembro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Encerrou-se a EXPOSIÇÃO. Foi com profundo aperto de alma que os seus visitantes, ainda em PARIZ, viram apagar-se o ultimo clarão dessa grande festa, que concentrou em si, durante seis mezes, as alegrias da paz, os louros do trabalho, as glórias do genio humano, o entusiasmo e a admiração do mundo inteiro.

Quanto mais se procurava frequental-a, maior somma de bellezas ella offerencia; cada dia descobria-se um novo primor, que escapara aos dias anteriores; quem mais se esforçava por estudal-a, mais se convencia do quanto ella guardava ainda para se ver e aprender; e ia a gente se affeiçoando áquelle conjuncto

de maravilhas; aquelles palacios, galerias, monumentos, prodigios da arte e da sciencia, milagres da industria, possuiam seducções, attractivos, inspirações, delicias, que conquistavam o desejo de os possuir, ou de os ver constantemente, como um objecto amado.

Os derradeiros momentos dessa criação assombrosa, que, acreditam todos, não mais se reproduzirá, tive eu a idéa de recolher do alto de *Montmartre*, na vasta escadaria que conduz á celebre basilica, onde se invoca, por voto nacional, o coração divino d'AQUELLE que pregou a religião da paz, do amor e do sacrificio. Por traz de mim, se erguia essa massa colossal, com as suas cupolas bysantinas, as suas fachadas angulares, as sinuosidades e relevos de sua extranha architectura: um poderoso foco electrico illuminava, sobre o horizonte escuro, essa projecção majestosa da fé, das tradições e dos sentimentos fervorosos do passado, guardando do ponto mais elevado a cidade, que, apesar de todas as vicissitudes, é ainda a metropole do catholicismo militante. Deante de mim, se estendia esse esplendido panorama, que ZOLA soube descrever, tão ad-

miravel e fielmente, nas paginas do seu *Paris* e que CHARPENTIER engastou, como a mais vibrante das inspirações, no idyllio musical, ardente e apaixonado, da sua *Louise*.

Era a Cidade Luz, como a consagraram já; o mais fecundo e inexgotaxel *atelier* da arte; a forja incansavel da liberdade e do trabalho; o laboratorio ousado da sciencia; o paraiso do amor e da fortuna; o inferno da paixão e da miseria; o templo dos mais nobres ideaes; o prostibulo das mais baixas sensações; a mais formosa das cosmopolis, espirito atheniense, temperamento apurado de artista, compleição sensual e mystica de cortezã e de devota,— que se mostrava aos meus olhos, envolta nas tenues nevoas de uma noite de outomno.

Estava inundada de luz a area occupada pela EXPOSIÇÃO. As linhas architecturaes dos palacios e dos pavilhões, a faixa espelhante do rio, debruadas de rastilhos luminosos, os focos dos poderosos holophotes, semeiavam, na gaze subtil da atmospheria friorenta, uma poeira doirada, como si pairasse, sobre esse mundo real de esplendidas maravilhas, immensa e brilhante nebulosa, aspiração longinqua

de mundos idéaes. Dominando a magica encenação, erguia-se a *Torre Eiffel*, que, ao longe, offerencia o aspecto de delicada filigrana, obelisco rendilhado, em cujas malhas se viam as mais vivas scintillações, cahindo no fundo escuro da noite, como fios de diamantes, que se desatassem por entre os cabellos negros de uma fronte de rainha. De repente, esses fios se incendiaram, toda a torre se abrasou, era de fogo, rubro, flammejante, o sulco que ella abriu no espaço, cascata de lavas e rubis, que se despenhava no lago fantastico e illuminado da deslumbrante *féerie*. Soou um tiro de canhão: como um relampago que se apaga, tudo se extinguiu. Findava-se a maior festa do seculo!

Por algum tempo ainda, o pharol electrico *Dufavel* projectou-se sobre as cupolas da basilica de *Montmartre*.

Branços, como véos de uma primeira communhão, fluctuavam, ás oscillações da luz, esses candidos e piedosos testemunhos da fé parizense; ás glorias e prazeres que se dissipavam, sobrevivia o doce e tranquillo retiro, onde

todas as esperanças e todos os soffrimentos iam buscar o vigor e o conforto.

E' verdade que a EXPOSIÇÃO havia terminado; a sua missão, porém, continuava a se exercer, humana, civilisadora, pacifica, espalhando pelo mundo culto um poderoso influxo de bondade, de união, e de força. Antes, durante, e depois de sua realisação, ella fôra um freio, não só ás paixões da FRANÇA, como aos manejos bellicosos da EUROPA. Havia um como respeito ás cousas sagradas, nesse receio, que toda a opinião intelligente sentia, de que uma lucta armada pudesse perturbar o grande certamen. Todos se sentiam compellidos a uma profunda tregoa, para que viesse e passasse, serena e majestosa, a grande festa do trabalho.

Deante dessa coerção recuavam até os mais impacientes e exaltados. Os estadistas que acreditam que a força e o predominio das nações estão na sua liberdade e rapidez de agir, na mobilisação prompta e efficaz dos seus recursos, racionavam com as murmurações da sua impotencia, com as iniciativas recalçadas do seu arbitrio acorrentado: não é possível

sujeitar os destinos e a politica de uma nação ás exigencias de um *rendez-vous* á hora fixa e em dia determinado. Nenhum povo subordina os seus interesses internos e externos á realisação de um facto, previsto e fixado com muitos annos de antecedencia. Não haverá mais nenhum governo francez, mormente não havendo mais nenhum governo de qualquer outro paiz, que queira cercear assim a sua energia e a sua acção. Era como se exprimiam a experiencia e o egoismo politicos.

Entretanto, até os que por este modo discutiam possuiram-se do entusiasmo communicativo desse facto, que os constrangia. Não imagina, dizia-me um artista intelligente que collaborou nas soberbas e primorosas construcções, em breve demolidas, o que foram as vespers da inauguração. Ministros, commissarios, expositores, engenheiros, operarios, todos, açoitados por uma atmospherã de pó e de caliça, multiplicando as installações electricas para os trabalhos nocturnos, dobrando as turmas e os salarios, distribuindo gratificações, sentiam-se dominados de uma verdadeira febre de concluir, e de gosar as

primeiras impressões da obra gigantesca. Emulações, resentimentos, rixas, malquerenças, intrigas de profissão, divergencias de politica, tudo desapparecera deante da magnitude e esplendor da obra commum. Larga e profunda reconciliação se havia operado nos espiritos, deante do exito glorioso dessa empreza, fructo assombroso do genio e do esforço humano. Nunca as alegrias do trabalho, os desvanecimentos da consciencia satisfeita, foram mais expansivos e cordiaes. Este mesmo espirito de cordialidade, que animou os preparativos da EXPOSIÇÃO, presidiu a toda a sua existencia.

As mais irritantes prevenções, os mais inconciliaveis dissentimentos internacionaes retrahiram-se, ou dissiparam-se; e os odios, que, ainda nas vesperas, explodiam em demonstrações, mais ou menos ruidosas, calaram-se, trocando-se entre aquelles, que, justa ou injustamente, os alimentavam, attenções e urbanidades que ninguem, dias antes, julgaria possiveis.

Foi assim que entre o Lord Mayor de LONDRES e a Municipalidade de PARIZ se inicia-

ram, cortez e nobremente, os preparativos de um encontro, que, sómente por circumstan-
cias de politica local, deixou de se realizar. Os inglezes que quizeram visitar a EXPOSI-
ÇÃO jámais foram molestados por qualquer allusão, menos delicada, ás luctas do sul d'AFRI-
CA. Na imprensa, nos espectaculos, nas reu-
niões publicas, onde, mezes antes, o orgulho d'Albion era cruelmente ferido ou ridiculisado, cessaram os ataques, os remoques, as referen-
cias; e si um ou outro jornal ainda conservava o velho odio, este se traduzia pelas palavras de conforto e de entusiasmo enviadas aos boers agonisantes.

Mais accentuadas foram ainda as approxi-
mações entre o povo francez e o allemão. Chegou-se a dizer, com uma certa satisfação dos parizienses, que o imperador da ALLE-
MANHA tinha vindo, elle proprio, presidir aos ultimos trabalhos, no mais rigoroso incogni-
to, da sua esplendida exposição. A ALLEMA-
NHA supprimiu este anno as festas officiaes no anniversario da annexação da ALSACIA e LORENA.

A FRANÇA, por sua vez, em attenção aos

allemaes e austriacos, não celebrou, no encou-
raçado *Iena*, a commemoração annual da cele-
bre batalha deste nome.

Muitos outros factos poderia citar, que pro-
vam o effeito moral e politico de conciliação
e de apasiguamento de prevenções e de odios
entre os povos da EUROPA, obtido pela influ-
encia bondosa, civilisadora e humana da Ex-
POSIÇÃO. Oito dias antes della se encerrar, a
FRANÇA recebia, em uma solemnidade publica,
que recordava acontecimento tragico de sua
vida politica, consagração a mais eloquente e
significativa do valor e merito da sua missão
gloriosa, consolidando a paz interna e externa,
nessa obra colossal em que se congregaram o
genio e o trabalho de todos os povos.

Inaugurava-se em LYON o monumento eri-
gido a CARNOT. Deante da enorme multidão,
que assistia á cerimonia, o presidente LOUBET
leu o seguinte telegramma do CZAR:

«A' sua excellencia o sr. LOUBET, Presidente
da Republica Franceza, em LYON.

«A inauguração do monumento de vosso
illustre predecessor recorda vivamente á minha
memoria os serviços importantes, prestados á

FRANÇA pelo Presidente CARNOT, e sua activa cooperação á grande obra de approximação intima, para fins essencialmente pacificos, dos nossos paizes, amigos e alliados. Associando-me de todo o coração a esta solemnidade, eu vos peço, sr. Presidente, que acrediteis sempre nos meus sentimentos de sincera e invariavel amizade. — *Nicoláo.* »

A alliança destes dois povos, tão antagonicos em constituições e costumes, de novo ratificada, á margem de um tumulo, e em face do grande exito, colhido pela FRANÇA, no certamen universal que pouco tempo antes o mesmo CZAR lastimava não ter podido admirar, a accentuação sublinhada dessa intima approximação para «*fins essencialmente pacificos*» eram para a FRANÇA e para a EUROPA a confirmação de uma era nova, fecunda para os interesses da paz e para os direitos de justiça internacional, que dia a dia se torna mais necessario assegurar.

Desde que se proclamou a Republica em FRANÇA, os estadistas desse paiz insistem em attribuir ao habil e poderoso elemento clerical os mais serios e graves obstaculos oppos-

tos á consolidação do novo regimen. A opinião republicana conserva ainda muito vivas as impressões das luctas travadas por GAMBETTA e por FERRY.

A questão DREYFUS, hoje felizmente para este paiz inteiramente morta, reaccendeu os velhos rancores, e o socialismo pratico intimamente alliado á situação dominante, figurando activamente na composição e defeza do ministerio actual, encontrou, nos bens e fortuna rapidamente crescentes das congregações religiosas, um terreno favoravel para ensaiar algumas das suas idéas sobre a distribuição do capital.

Apezar dessa tempestade, que ha muito tempo se sente no horisonte, de momento a momento mais se approximando, o periodo da EXPOSIÇÃO foi um armisticio benefico, tolerante, que, si não evitar de todo a lucta dos elementos, attenuará consideravelmente a furia que os impellia.

Na EXPOSIÇÃO eram por milhares os padres que a visitavam, no banquete dos *maires* foram muitos os curas que saudaram, sincera e francamente, a Republica; e, na solemnidade de

LYON, um espectáculo novo se presenciou: era monsenhor COULLIÉ, cardeal arcebispo de LYON, que ia ao encontro do Presidente, e que lhe apresentava o seu clero, nestes termos:

«Sr. Presidente da Republica:

«Tenho a honra de apresentar-vos as homenagens do meu clero e as minhas.

Queiraes perdoar-me a emoção que experimento, cumprindo hoje este dever, porque ainda me acho sob a impressão de recordações que o curso dos annos não apagou.

Nós vos agradecemos terdes vindo, com vossa presença, adoçar as amarguras de uma dor, que ficou profunda em nossa população lyonesa, sempre tão hospitaleira.

Não poderíamos esquecer a consolação que nos foi dada, no dia do grande luto nacional que esta solemnidade recorda, e a historia registrará que Mr. SADI CARNOT, presidente da Republica Franceza, em seus ultimos instantes, pediu livremente a benção de DEUS, e que DEUS correspondeu ao seu desejo.

«Esta benção divina, sr. Presidente da Republica, nós a invocamos para que ella desça sobre vossa familia; sobre os senhores mem-

bros do governo, que vos cercam; sobre nossa cara FRANÇA, de quem temos a consciencia de ser filhos fieis e absolutamente dedicados».

Assim respondeu o Presidente:

«Eu vos agradeço, Monsenhor, terdes vindo, á frente do vosso clero, saudar o Presidente da Republica. Estava bem certo que não faltarieis a isso, a que ainda ha pouco chamastes um dever; e que o exemplo do respeito devido ao governo, vindo de tão alto, seria salutar para o paiz.

Eu disse um dia que era preciso dissipar um equivooco. Quizera hoje não deixar subsistir um outro, o que tem feito crer que o governo da Republica é inimigo de uma religião, de um culto, de uma crença qualquer. Elle se colloca muito alto para não as respeitar todas, e para não ter o cuidado de as fazer respeitar.

«Estou convencido que, por seu lado, o clero catholico, sobretudo quando tem á sua frente prelados eminentes, como vós, saberá assim comprehender, e o fará comprehender áquelles a quem lhe cabe ensinar».

Estas duas ultimas allocuções, calcadas dentro das formulas e doutrinas dos dois elemen-

tos em presença, o Estado e a Igreja, amigos na apparencia e adversarios irreconciliaveis de todos os tempos, exprimem uma grande conquista, que, sob o ponto de vista da paz dos espiritos na FRANÇA, poderá produzir beneficos resultados.

E' extraordinario como o caracter ou feição politica dos homens, como das instituições, lhes tira esse instincto de approximação, esses habitos de harmonia, essas aspirações de accordo, que, entretanto, deviam ser mais necessarias na vida publica do que na particular. Governar, devia ser combinar e orientar o maior numero de energias e vontades. Não ha nada que mais desuna e segregue, do que a politica: o trabalho, a religião, o prazer, a dor, a fortuna, a miseria, approximam os homens, os estreitam nos mesmos laços de gloria ou de lucro, de crenças, de gozo ou de soffrimento, de bem estar ou de fome; entretanto, os politicos, ainda quando sirvam á mesma causa, movam-se pelos mesmos interesses, detestam-se, e estão sempre se preparando para separar-se. Até a miseria pode crear dedicações e reconhecimentos; a politica

só faz ingratos, hoje ou amanhã. Não pode haver, pois, maior mal para as religiões, do que as converter em armas politicas.

Ha quasi sempre no homem politico o homem religioso; quando é, porém, que essa forma da sua natureza irrompe leal, boa, generosa? E' segredo que são raros os que podem desvendar.

Ainda ha poucos dias se publicou um documento interessante, que é um estudo de profunda psychologia sobre o assumpto: o relatório diario do ministro PICHON, sitiado com sua mulher, com seus amigos e compatriotas, pelos boxers, deante de quem elles estiveram muitos dias na alternativa de se matarem, para não serem cruel e ignobilmente mortos.

MAURICE BARRÉS, o primoroso escriptor, analysando esse trabalho, diz:

«Depois de ter enumerado todos os perigos aos quaes, segundo a previdencia humana, os sitiados não podiam escapar, conclue PICHON:

«Nossa salvação foi, pois, devida a um conjuncto de acontecimentos que se não podem explicar por um raciocinio logico e por um en-

cadeiamento de considerações racionaes. Foi, emfim, uma salvação providencial».

« PICHON não escreve a palavra. Nada nos auctorisa a dizer que a idéa mesmo se tenha formulado em seu espirito e que elle tenha expressamente admittido um Deus se interessando pelo destino do ministro da FRANÇA. Esta concepção, porém, de um milagre, ou ainda de uma protecção especial, está envolvida na affirmação de que nenhum *raciocinio logico*, e nenhuma *considerações racionaes* podem explicar a salvação dos europeus. O certo, e que faz directamente objecto do nosso artigo, é que nestas angustias, tão virilmente supportadas, um estado particular de sensibilidade apparece em PICHON e seus companheiros de sitio. Vejo meu antigo collega infinitamente sensivel a traços religiosos, que, em outros tempos, estou bem certo, lhe teriam parecido historietas de cathecismo.

«Em seu jornal, sobrio até á aridez, onde nada se encontra de pittoresco, nem uma anedota, este homem, saturado de grandes horrores, de tragicas bellezas, detem-se para repetir as ultimas palavras de um marinheiro fran-

cez, ferido por imprudencia de um camarada, e que lhe diz antes de expirar: «Não te quero mal pelo que me fizeste. Peço-te somente que mandes rezar uma missa por mim, quando voltares á FRANÇA».

E PICHON accrescenta que lhe pareceram sublimes aquellas palavras nos labios do pobre rapaz! No momento em que o libertavam, em que tantas emoções o deviam absorver, é ainda um traço religioso, e este somente, que PICHON recolhe: «Os soldados indianos do corpo expedicionario inglez entram em filas cerradas. Nunca esquecerei esta scena unica. O porta-bandeira, que foi o primeiro a chegar, cae de joelhos empunhando o pavilhão, e faz a sua oração».

«Estes episodios são bellissimos e de uma larga verdade humana, e sem nenhuma pieguice; eu imagino, porém, PICHON assentado na camara ao lado de CLEMENCEAU, de PELLETAN, de MILLERAUD, e um outro orador qualquer lê estas mesmas narrações, da tribuna, com grandes applausos da direita: elles quatro riem-se, encolhem os hombros, ao passo que algum dos seus amigos, chamado a guardar

as conveniencias, por um bom sorriso e um gesto de FLOQUET, teria gritado: Guardae isso para o *Rosier de Marie*!

«Si STEPHEN PICHON tivesse o gosto da analyse, si os deveres do seu cargo não o absorvessem, certamente neste momento, e antes que os habitos da vida facil o retomassem, elle poderia dar-nos uma valiosa contribuição para o estudo das grandes crises religiosas, e, por exemplo, nos dizer os movimentos de alegria, de reconhecimento, a especie de alleluia, que certissimamente nelle se produziram, no dia 14 de agosto, ás oito horas da manhã, quando, depois de um longo desespero e agonia, subiu á muralha de sua fortaleza improvisada, e foi sensível, pela primeira vez, depois de setenta dias, á belleza das cousas: «O espectaculo é soberbo. O sol ergueu-se em um céu de azul. A atmospherá é de uma brilhante limpidez. O horisonte se descortina a perder de vista. Percebe-se a linha azul das collinas, que se destacam sobre um fundo claro e doirado. O canhão (da libertação) trôa ao norte, ao oeste, e a leste da cidade».

«Pequenas phrases, bem pouco expressivas, mas que, no entanto, revelam nesse administrador uma poesia inhabitual, o delirio de salvação, a gratidão, o reconhecimento á vida, ás cousas, ao universo.

«No dia seguinte, ao lado do general FREY, PICHON ajudava a libertar os sitiados de PEI-TANG e a expulsar os boxers de PEKIN. «A tarde era completo o exito, o silencio se fez; os cadaveres dos chins juncavam os arredores dos jardins imperiaes; sobre uma ponte de marmore atravessamos um lago coberto de nenuphares em flor».

«Assim fala PICHON, e esta menção, em um documento administrativo, *dos nenuphares em flor* não pode enganar a ninguem que se tenha habituado a ler, comparando e pesando as palavras: é indício de uma profunda emoção, é a acção de graças de um resuscitado, é a sua prece».

O discurso do cardeal arcebispo, como o artigo de BARRÉS recordam aos politicos francezes que nem as suas prevenções, nem o zelo exaggerado dos padres podem apagar dos momentos mais graves da vida das nações e dos

individuos o sentimento religioso, e que para os interesses da paz universal é mister deixar intacta esta força ou esta fraqueza, como a queiram encarar as philosophias diversas, que a natureza e a organização humanas não teriam conservado, através de tantos seculos e de tantas transformações, inutilmente. Não ha, não houve, não haverá, quem se julgue superior ao accidente de PASCAL.

E para os politicos, mais do que para ninguem, creou-se o reverso da gloria ou da fortuna.

SEVERINE, a infatigavel e delicada escriptora, que faz a campanha contra a miseria humana do odio, da violencia, da guerra, dizia, ha alguns dias, dos vencidos do TRANSVAAL e do ORANGE:

«REITZ, presidente da Republica do ORANGE, havia, por motivos de saude, dado sua demissão, em 1895. Quando se restabeleceu, deram-lhe o cargo de secretario de Estado da Republica Sul Africana.

Actualmente, elle se bate, na brecha, com seus quattros filhos, mais velhos, de vinte, dezenove, dezoito e dezesete annos. Elles dor-

mem sobre as pedras ou sobre a lama, ao abrigo irrisorio de uma barraca desmantelada. Suas roupas estão em farrapos. O ex-presidente escreve a sua mulher: «Si ao menos tivessemos sapatos!»

Mas, como os mandar, como os amparar contra as difficuldades da situação?

Desde o começo, vindo a iniciativa do alto, se decidiu que o pagamento dos empregados subalternos ficaria reduzido á metade, e que o dos empregados superiores (e diz-se que falta verdadeira civilização aos boers) seria diminuído de quatro quintos.

Quando a tomada de PRETORIA estava imminente (mme. REITZ se achava só com seus oito filhos mais moços, entre elles um de poucos mezes), o ex-presidente exprimiu o desejo de que sua familia se refugiasse em LOURENÇO MARQUES.

Tinha, porém, as algibeiras vasias, nem um vintem. Sem a providencia maternal, umas pequenas economias e um pouco de roupa, não teriam com que poder alugar dois quartos e a cosinha, onde a malaria os acolheu.

Para onde ir, afim de a evitar, e salvar ao menos, no grande desastre, a vida das creanças?

Felizmente, o conselho executivo havia dado ordem de pagar os atrasados, a começar pelos mais modestos e a terminar pelos mais altos funcionarios: mr. REITZ foi o penultimo, o tio PAULO KRUGER foi o ultimo a receberem.

Mme. REITZ pode então partir e chegar á EUROPA. Com os vinte cinco mil francos que o marido lhe havia enviado e que constituíam toda a sua fortuna, a ex-presidente do estado de ORANGE, *passageira de segunda classe*, chegou a HAYA.

Em um bairro afastado, em uma casinha mobiliada, muito modesta e resumidamente, ella espera seu esposo, seus quatro filhos mais velhos, e óra pela salvação dos mortos, óra pela salvação de sua patria!

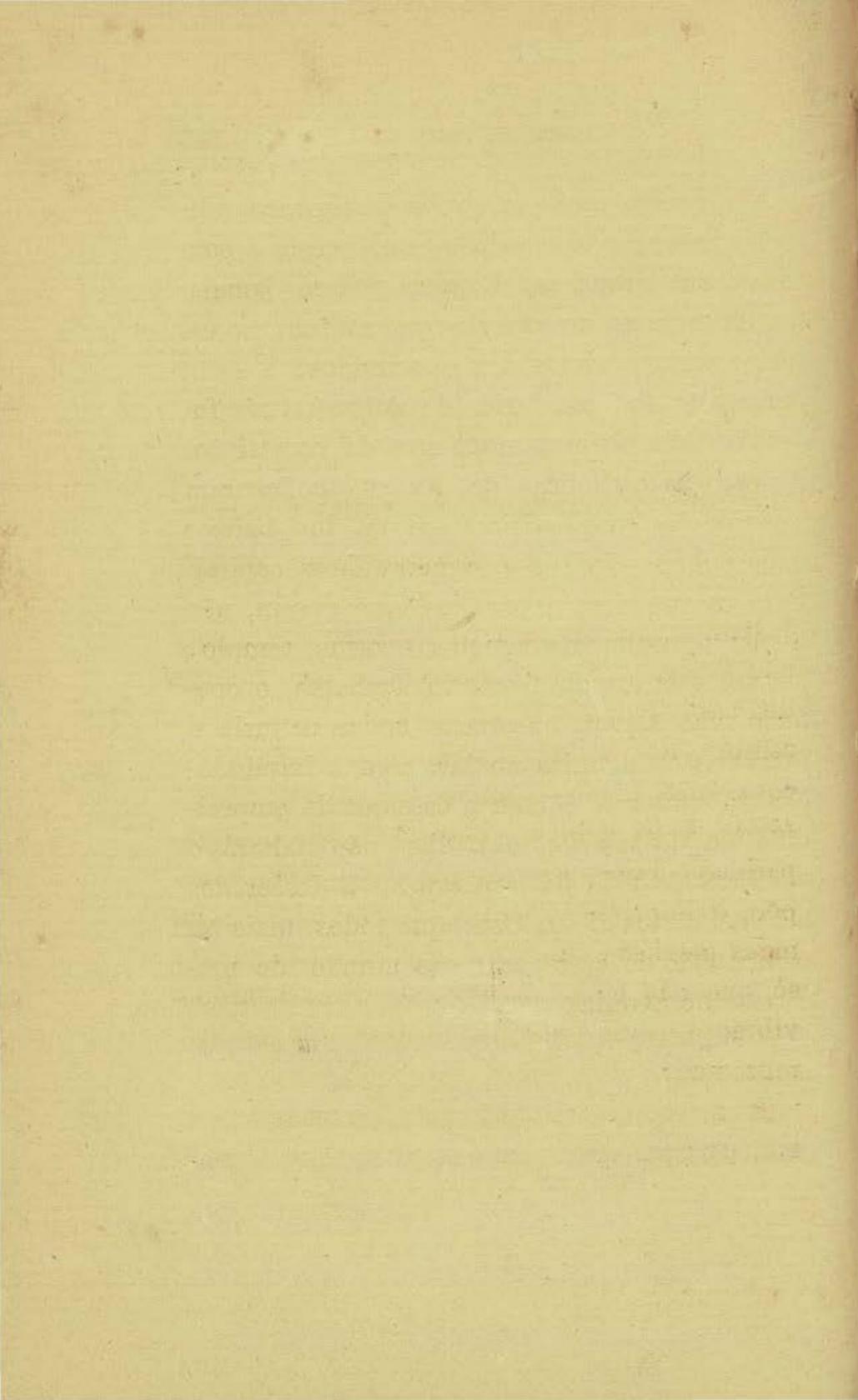
De vez em quando vêem-n'a passar, em ruas discretas, pelo limiar dos templos, vestida de negro, furtiva e grave, em trajés muito simples, com toda a ninhada, proscripta, á sombra de suas azas!»

Eis o reverso da fortuna e da gloria!

Eis o momento, em que o sentimento religioso irrompe, com toda a sua poesia e com toda a sua grandeza! E quem poderá, jamais, o recalcar nos corações dos que soffrem, no espirito e nos animos dos opprimidos?

Do alto da escadaria de MONTMARTRE fui assistir aos ultimos momentos da EXPOSIÇÃO. As crenças catholicas da FRANÇA collocaram a maior das suas basilicas em um dos bairros mais pobres e infelizes da maravilhosa capital. Para os que riem e para os que gosam, não se fez naturalmente aquelle enorme templo. De volta da grande festa do Trabalho, o operario vae talvez encontrar maior penuria e mais tristes agonias no lar, com a imminencia do inverno e com a escassez da empreitada ou do salario; mas, lhe não faltará o conforto da fé e da esperanza, a descer dos braços abertos dessa Cruz, que todos, mais ou menos, hão de carregar neste mundo de prazeres e de agonias.





VIII

Palais d'Orsay, em Pariz, 25 de novembro de 1900.

Meu caro Aloysio.

Será longa esta carta; poderá dividil-a, para não fatigar os seus leitores: são as minhas ultimas impressões, ao deixar, talvez para sempre, o solo da EUROPA, e que eu recolho, como uma prova de apreço ao *Jornal de Noticias*, á sua habil e valente redacção, ao sympathico e brioso pessoal que o escreve, o compõe, o imprime e o distribue, a todos estes meus patricios, entre os quaes não haverá um só, que não tenha coração, ainda mais largo e vibrante, para sentir as emoções que procurei reproduzir.

E' a recepção triumphal de KRUGER em PARIZ, escripta sob a influencia do que vi e do

que senti, e do que viu e sentiu esta cidade inteira. E' o meu testemunho, e o testemunho do seu jornalismo em massa. A carta pode-se dizer que não é minha: é escripta pela imprensa pariziense á imprensa do mundo inteiro, narrando-lhe a grande explosão de justiça universal, de que PARIZ foi a culminancia, a cuspide, a cratera, nessa erupção de enthusiasmos que fez, durante um dia, tremer todo o solo amassado de egoismos, de odios, de violencias, de usurpações, onde os governos do mundo procuram firmar as suas ambições e cavar os alicerces de sua força e de sua grandeza.

Todas estas impressões passarão, dirá a experiencia embotada e sceptica dos grandes mestres de dirigir os homens; amanhã, não restará deste dia sublime mais do que a agonia e o exterminio de um povo nobre e altivo, tão digno, quanto os seus vencedores, da liberdade que possuia, e mais audaz e valente do que elles em conquistal-a e defendel-a; não restará da extraordinaria sagração mais do que o vulto historico, legendario, o typo mais grandioso da resistencia heroica do direito de vida e de independencia dos paizes pequenos

e fracos, esse velho, redivivo de HOMERO e de PLUTARCO, tendo na frente profundamente sulcada, nos olhos tumidos e injectados, na face crispada de rugas amarellas, nos hombros largos e cançados, na estatura elevada, erecta e altiva quando a emoção ou o patriotismo o abalavam, todos os soffrimentos e todas as energias de um povo de pastores e de heroes, todos os martyrios e todas as coragens de um punhado de luctadores, que se fizeram pela iniciativa e pelo trabalho, e que são esbulhados pela brutalidade da força e do odio. Basta, porém, que reste isso para que essa nação, que vae desaparecer, tenha desempenhado a mais brilhante e gloriosa das missões, tenha dado o mais nobre e vigoroso exemplo que podiam admirar os maiores povos do mundo; basta isso para que o patrimonio moral da humanidade recolha, no fim do seculo, esse poderoso conforto de que ainda ha paizes, que prefiram morrer com honra, a viver abatidos e humilhados.

Mas, não será sómente isso que restará amanhã: esse delirio de veneração e enthusiasmo, que acompanha KRUGER, por onde elle passa, entre povos extranhos, e que lhe dá as palmas,

os vivas, as flores, as saudações, os sorrisos e as lagrimas de todas as edades, de todos os sexos, de todas as classes, de todas as posições, confundidas em uma solidariedade unanime, a que não escapa a propria nação vencedora, esse testemunho universal de estrondosa sympathia pela causa do povo opprimido, deve ter ensinado aos soberanos do mundo que ha conquistas materiaes que não valem o sacrificio moral que ellas custam. Não ha ridiculo que possa profanar uma lagrima; assim como não ha força, nem poder humano, que se não confesse impotente deante de um cadaver. Quando a velha e poderosissima aristocracia ingleza viu os campos e montanhas do TRANSVAAL inundados com o sangue dos seus mais bellos e vigorosos fillos, chorou e cobriu-se de luto: ás lagrimas que corriam hontem dos olhos de KRUGER, preso da commoção profunda que lhe causava o doloroso e amargo contraste da majestade impetuosa e colossal d'aquellas ovações com a tristeza cruciante e faminta do seu povo perseguido, com os campos talados, as propriedades confiscadas, a familia foragida ou torturada, esse pranto que o nobre ancião

não poude reter, e que não vale menos do que o crepe que velou os brazões da fidalguia britannica, deve cahir sobre a consciencia dos governos egoistas e ambiciosos, como o ferro em braza dos estygmas e das maldições.

Para assegurar os direitos de justiça internacional, si não ha codigos, leis, tribunaes definidos, ha, entretanto, algo de vago, indeterminado, impalpavel, como são as grandes forças da natureza e das cousas, como ellas infallivel nos seus effeitos; e que faz do erro e da injustiça o que a gravitação, cedo ou tarde, vem a fazer dos edificios desaprumados: derruba-os, envolvendo muitas vezes em suas ruinas aquelles que os levantaram.

* * *

PARIZ despertava hontem, pela manhã, com a seguinte noticia: «KRUGER chega hoje ás dez horas e meia pela *gare* de LYON».

A recepção de MARSELHA tinha se realisado por entre as mais vivas acclamações de mais de quinhentas mil pessoas. De MARSELHA a PARIZ, todas as estações, grandes e pequenas ci-

dades, villas ou aldeias, tinham disputado a honra e a satisfação de ver e applaudir o grande heroe. E PARIZ, que, com o olhar indifferente, mal percebe frequentemente a passagem de tantas realezas em viagem, esse PARIZ que já se não impressiona com o brilho dos pennachos e europeis, que se ri das pompas officiaes, enchia hontem, em massa, todo o trajecto que vaé da *gare* de LYON ao hotel *Scribe*, para assistir á passagem do velho illustre, do tio PAULO, para acclamar nelle a força e grandeza d'alma na desgraça; e, com o sentimento vibrante e profundamente republicano, o amor da patria alliado ao culto da liberdade.

Diremos, daqui a pouco, dizia o *Journal*, em seus detalhes, qual foi a marcha triumphal de KRUGER, em PARIZ, que enthusiismo e que delirio ella desencadeou em todo o percurso; mas que nos seja permittido um epitheto, antes de qualquer narração, com que possamos qualificar este dia inolvidavel: elle foi sublime!

«Assim foi porque nesta grande capital, que é, ás vezes, nos dias máos, a cidade das tempestades e das paixões, como o é tambem dos risos

e das acclamações, viu-se só, todo aureolado de sua missão gloriosa e suprema, adiantar-se um velho, que havia feito milhares de leguas, pensativo, mas firmemente decidido, para vir dizer á EUROPA inteira, á FRANÇA sobretudo: «Fazem-nos uma guerra de barbaros! Não nos renderemos jamais! Vós, os descendentes de VALNY, que tivestes o Anno-Terrivel e os negros isolamentos que o acompanharam, supportareis por mais tempo esse ataque, essa affronta á justiça, á liberdade, á humanidade?

«E ao velho leão africano, erecto em sua gigantesca estatura, sobre a qual pesam setenta e cinco annos de labores, PARIZ inteiro respondeu, PARIZ inteiro sem distincção de castas nem de partidos, com o grito immenso de: «Viva KRUGER! Vivam os BOERS!»

«Era o que a cidade das generosidades e das liberdades devia, e podia fazer. Ella o fez. Que venham agora as diplomacias!

«Do caes de *la Joliette* ás margens do SENA, a FRANÇA se pronunciou pelas patrias integraes e pelos direitos immortaes. Ah! que bella e boa tarefa, bem franceza, que foi a de hontem, e que honestos corações os de todos estes

cidadãos, que se cerravam no percurso do glorioso KRUGER para lançar, á atmosphera ennevoadada da manhã, seus gritos de enthusiasmo!»

ANTES DA CHEGADA

E agora, continúa o *Journal*, que pensamos ter dado,—e quanto entretanto são fracos os nossos qualificativos,—a impressão geral do que foi a recepção do presidente KRUGER, passemos aos detalhes do dia.

Desde oito horas da manhã, longas filas de curiosos começam a invadir as calçadas da rua de *Lyon* e da praça da *Bastilha*. E' a hora dos mercadores ambulantes. Elles a aproveitam. Dahi a pouco, será muito tarde. E vê-se então uma inundação de pequenas insignias com as cores boers,—verde, vermelho, azul e branco—que se vendem a dois *sous*, e que cada um prega no chapéu ou na botoeira.

A canção das ruas não perde os seus direitos nessa occasião; e das viellas, passagens, e corredores, ao som de violinos ou de gaitas de folles, canta-se, com a musica da *Marsehesa* ou da *Painipolaise*, o que a musica po-

pular improvisou em honra do TRANSVAAL e do seu Presidente.

A intenção é certamente melhor do que os versos. Que importa! A multidão repete, em coro, o estribilho facil, e é este o ponto capital.

A atmospherá é cinzenta, dessa cor particular a PARIZ, que põe sobre as cousas uma tenue fumaça. Está bello, entretanto, o tempo, porque não chove, e é tudo quanto o parizense pede.

A' *Bastilha*, ao pé da columna que perfura as nuvens baixas e fumarentas, entoá-se o canto do: «Salve o presidente KRUGER», ao passo que chegam de todas as direcções, em longas filas negras, bordadas de prata, as forças da policia:

*Peuple français, chapeau bas devant l'homme
Par qui l'Anglais, häi de l'univers,
Connut enfin la defaite, et qu'on nomme
Brave, Kruger! Salut, Kruger!*

Toda a prefeitura de policia mobilisou-se. E' Mr. LEPINE que dirige pessoalmente o serviço de ordem.

Todos os agentes disponiveis compareceram, inclusive as brigadas de reserva, apoiadas por guardas municipaes a pé, que se estendem em longas filas desde a *gare* de LYON até os grandes *boulevards*.

As medidas tomadas são as mesmas que nos grandes dias das festas russas e da chegada do commandante MARCHAND a PARIZ.

Por toda a parte, as frentes e terraços dos cafés são invadidos. Prudentemente os patrões retiram mezas e cadeiras, porque aos empurrões, que hão de vir, não ha material que resista. A pequena industria pariziense, que brota espontaneamente do solo nos momentos populares, emprega-se activamente em levantar, em todo o trajecto, escadas e bancos, á espera do publico pagante. Os cocheiros de fiacre offerecem o tecto dos seus vehiculos «a vinte *sous* para ver KRUGER!»

As proprias arvores, já despidas de suas folhas, vêem-se subitamente rejuvenescidas por densas florações humanas.

As janellas se abrem, e sobre os peitoris fluctuam, casados em cores identicas, os pavilhões francezes e boers. São nove horas, um

tenue raio de sol atravessa a lameira das nuvens e doira, com uma luz timida, os angulos das casas lavadas pela chuva.

Com muita difficuldade pode-se chegar até a *gare* de LYON, *boulevard Diderot*, angulo do edificio da administração da *Paris, Lyon, Méditerranée*; ahí se achava a barreira formada pelos agentes policiaes, com prohibição expressa de se a transpor. Era preciso mostrar carta de *reporter* ou jornalista, ou permissão especial, para, a muito custo, lograr passagem por uma pequena brecha.

As delegações diversas, com seus estandar-tes, exhibem cartas especiaes, e vão se collocar no perystilo de chegada da *gare*. Um grupo se distingue dos outros: são os antigos combatentes do TRANSVAAL. Os voluntarios que fazem parte desse grupo estão calçados de couro amarello até os joelhos; trazem, cahido sobre a orelha e com uma das abas levantada por uma fivella com as armas sul africanas, o famoso chapéu boer, que fez moda na ultima estação.

Vão entregar ao presidente uma mensagem, cujas folhas estão presas por fitas com as

cores do TRANSVAAL e do estado d'ORANGE. Grupos de estudantes, trazendo o gorro de Villou, conservam-se perto delles, inquietos, ardentes, prestes a fazerem explodir os seus enthusiasmos juvenis.

A' pouca distancia, os jornalistas, preoccupados, anciosos, empunhando o lapis interrogativo. A sala era um deserto, comparada com o que ia lá fóra, e a multidão, contida ao longe, contemplava com o olhar avido este espaço livre, que de bom grado ella devoraria em um só movimento.

Photographos, com apparelhos que calculam todas as emergencias da luz, todas as vicissitudes do tempo e da distancia, agitam-se indefinidamente, procurando resolver o problema dos seus angulos favoraveis.

Passando do perystilo ao caes da *gare*, ahi se encontra a multidão dos privilegiados, que chegam pouco a pouco, em suas carruagens, M. LEPINE, prefeito de policia, CROZIER, director do protocolo, EUGENIO GUERIN, KRANTZ, RAMBAUD, CARON, presidentes do *comité* pela independencia dos boers, quasi todos os membros do *comité*; muitos senadores e deputados com

as suas insignias e de todas as fracções da camara e do senado; GREBANVAL, presidente do conselho municipal e os membros deste conselho; CHERLOUX, presidente do conselho geral do departamento do SENA e muitos conselheiros geraes; MAUD GONNE, com a delegação irlandeza; delegações municipaes de diversos pontos da FRANÇA; notabilidades literarias e scientificas; em summa, dizem os jornaes, todos os partidos politicos e todas as classes estavam largamente representados; e, cousa admiravel, accrescentam elles, dreyfusistas e anti-dreyfusistas, socialistas e reaccionarios, reunidos no mesmo logar, com um pensamento commum.

ENVIADO DE LOUBET

M. CROZIER, director do protocolo, é cercado, desde sua chegada, por mrs. ALPHONSE HUMBERT, deputado, GUERIN, antigo ministro da justiça, e um grande numero de delegados. M. CROZIER diz que foi encarregado pelo presidente da Republica de vir saudar o presidente KRUGER e desejar-lhe as boas vindas, conforme

as regras adoptadas para os chefes de estado, que viajam incognitos.

Ouve-se gritar: *Bravo Loubet!*, e a impaciencia pela chegada do trem recrudescê com esta affirmação official. D'ahi a pouco, cinco badaladas, lenta e solemnemente vibradas, annunciam a chegada. M. LEPINE, em risco de se fazer esmagar, precipita-se para a linha. Com seus agentes e com os archeiros do *Hotel de Ville*, afasta a multidão privilegiada. E' um empurrão enorme que se produz; ninguem se incommoda ou se queixa; tudo se supporta, só para acclamar KRUGER. Os pensamentos communs dissipam as susceptibilidades. Demais, as emoções se precipitam, um grito: *Eil-o* — percorre fremente todas as boccas, e silencio profundo se faz.

A CHEGADA

Um grande movimento se produz. Por entre a rede numerosa de fios telegraphicos, nos intervallos dos *wagons* distribuidos pelas diversas linhas, avista-se o trem, que avança

lentamente, offegante, retardando progressivamente a sua marcha. Apesar dos signaes e esforços do engenheiro-chefe da estrada, o trem não pára em face do salão, adeanta-se mais uns vinte metros.

Atravez das vidraças embaciadas pela humidade, nada se vê, a principio. Depois, confusamente percebe-se que no interior do *wagon* se agitam *silhouettes*: uma d'ellas destaca-se afinal claramente, muito alta, e de chapéo de pello. E' o Presidente KRUGER.

Um grito immenso, indescriptivel, com uma vibração estranha e inolvidavel, destas notas que o peito e a garganta das multidões só sabem dar nas extremas alegrias ou nas dores as mais lacerantes, ouviu-se em toda a *gare*: *Viva Kruger!*, e ao longe toda multidão repetiu, durante segundos, esse arranco impetuoso e descommunal!

A porta do *wagon* entreabre-se e elle apparece: traz curvado o tronco e, com a mão mal segura, procura um apoio no batente do *wagon*. De um movimento brusco levanta a sua alta estatura e contempla, segundos, a mul-

tidão, que brame seus entusiasmos, agitando os chapéus, e inteiramente dominada por elle.

Lentamente, o velho KRUGER desce até á calçada. Por traz d'elle, emoldurados pelas portas do carro, vêem-se o dr. LEYDS, PIERSON, os tres delegados sul-africanos junto ás potencias, WESSELS, FISCHER e WOLMARANT, ELOFF, seu neto, e VAN-HAMMEL, o brilhante letrado hollandez, que serve de interprete ao Presidente.

Tendo o trem parado á distancia do salão de honra, é impossivel ir até ahi, e os discursos são pronunciados nesse mesmo ponto. O velho então se descobre, e, apezar da luz baça e duvidosa do interior da *gare*, percebe-se distinctamente, nos traços e linhas da sua figura, o que elle tem de profundamente caracteristico e de expressão pessoal. Seu chapéu alto traz, naturalmente desde MARSELHA, o lustro perdido, com os trambulhões meridionaes que ahi lhe deram; e, durante os instantes que precedem ás allocuções, elle o conserva na mão pendente, com uma bengala de castão de ouro. Com a mão esquerda tira os oculos, de aro tambem de ouro, levanta a cabeça, e

com os olhos vermelhos e doentes, a pestanejarem, espera aquelles que devem tomar a palavra.

O primeiro a falar é mr. CROZIER, director do protocolo, que, apressado, contundido, empurrado, consegue enfim abrir passagem e chegar até o tio PAULO. Emquanto elle fala, KRUGER, naturalmente com o pensamento a pairar sobre as desgraças dos seus boers, o escuta com os olhos perdidos e meneiando a cabeça.

Os cabellos brancos são penteiados para traz, á moda DELACROIX; o rosto um pouco vultuoso, tez amarellada, rugas numerosas, que vão, frementes como vagas, perder-se no espesso collar da barba, que o completa. Ao labio superior, branco e recente bigode, sob umas narinas largas e dilatadas. Na fronte, profundos como seus cuidados e preocupações, accentuam-se dois sulcos, ou antes duas rugas parallelas, que dão a este rosto fatigado um aspecto de tenacidade extraordinaria no soffrimento. Foi o buril da desgraça, que cavou n'essa face os stygmas da dor valente e nobre. O labio inferior, um pouco saliente e de ex-

pressiva bonhomia, move-se aos discursos pronunciados, não obstante o continuo esforço para conter-se.

Sente-se que a emoção o vae invadindo, que não será possível dissimular-a, e a impressão que todos vão tendo é esta: «Este homem vae chorar!»

E elle realmente chora! Suas palpebras, que, doentes, agitam os cilios em um tico continuo, deixam desprender-se as perolas de grossas lagrimas, que KRUGER esmaga com os dedos em espatulas, de velha mão. A emoção o suffoca, abala-o realmente de uma agitação febril, e essa mão vae das lagrimas esmagadas ao castão da bengala, onde, em crispações mal contidas, esfrega as luvas pretas.

Vestido de redingote tambem preto, com um sobretudo cinzento, traz á botoeira a roseta de official da LEGIÃO DE HONRA. A voz de mr. CROZIER, dando-lhe as boas vindas, em nome de mr. LOUBET, mal se ouve. As acclamações não cessam, e até o pessoal da estrada acode de todos os pontos, sobe aos tectos dos *wagons* e agita-se n'um entusiasmo delirante, louco....

De repente, um grande silencio se faz, ouvem-se *pschius* energicos: todos se apertam, se empurram, se approximam; KRUGER vae responder ás saudações que, em nome de LOUBET, lhe dirigiu mr. CROZIER. Elle fala. Fala com uma voz forte e gritada, em hollandez, com intonações e sonoridades extranhas, sons gutturaes em algumas syllabas, sublinhadas ainda, em sua força, por um movimento de espadas, brusco e potente.

KRUGER nesse momento transfigura-se. Tem consciencia de que suas palavras serão ouvidas pelo mundo inteiro; acredita que por estes preliminares poderá chegar á solução final e justa; exalta-se, dando extranho vigor ás suas palavras e communicando-lhes nobre e viril altivez, que trahe simultaneamente profunda angustia e commoção.

Esse tom elle o mantem nas respostas a todos os discursos. Quem tivesse visto, pouco tempo antes, esse velho alquebrado, de attitudes senis, de phrases cançadas, ficaria surpreendido da metamorphose, vendo deante de si um outro homem, por cuja frente acabava de passar um sopro largo de independencia e

de liberdade, e que, desdobrando a sua alta estatura, elevando a altura das ultimas situações, offerecia aos olhares pasmados da multidão um espectáculo surprehendente e communicativo de energias invenciveis e de coragens capazes de todas as audacias e sacrificios.

Foi esta a resposta a mr. CROZIER, para ser transmittida ao presidente LOUBET:

«Snr.

«O Presidente da REPUBLICA SUL-AFRICANA agradece ao Presidente da REPUBLICA FRANCEZA e ao governo, por lhe terem enviado as boas vindas em sua chegada a PARIZ. Pede-vos, sr., que transmittaes seus agradecimentos ao chefe do estado e ao governo da REPUBLICA FRANCEZA.»

Hurrahs, vivas estrondosos irrompem de todos os pontos da *gare*, cujas abobadas de vidro estremecem, repercutindo o terrivel e impetuoso bramido. Quando a calma se restabelece, mr. GUERIN, senador, vice-presidente do *Comité* pela independencia dos boers, adianta-se para o presidente KRUGER, e pronuncia o discurso seguinte:

«Sr. Presidente.

«Em nome do *Comité* geral pela independencia dos boers, e na ausencia de mr. KRANTZ, antigo ministro da guerra, tenho a honra de dar-vos as boas vindas ao chegardes a PARIZ. As acclamações que vos acompanham desde vosso desembarque em FRANÇA, e que mostram a sympathia ardente do povo francez pelo povo boer, ides reencontrar aqui, e a população pariziense vae acclamar em vós o heroico paladino da liberdade, da justiça e da independencia do vosso paiz.»

Durante essa allocução, o presidente KRUGER não pode dominar a sua fadiga; logo, porém, que mr. GUERIN termina, elle lhe aperta a mão, reergue-se de novo, e, em alta voz, pronuncia estas palavras:

«O presidente da REPUBLICA SUL-AFRICANA vos agradece. Começa por dizer-vos quanto se sente emocionado e reconhecido pelas espontaneas manifestações com que, ha dois dias, o saudam centenas de milhares de francezes. E' grato, especialmente, ao *Comité* pela independencia dos boers, por ter tido a iniciativa deste admiravel movimento. O presidente insiste

emfim, e sobretudo, em dizer-vos que sua causa é a da justiça; a independencia que reclamam as republicas boers é baseada sobre o direito, e só ella pode assegurar a paz. Não quer de modo algum qualquer favor que se inspire na injustiça. E' justiça que elle reclama, nada mais que justiça. E' a ella que elle pede a independencia e a paz. A prova disso é que nunca cessou de pedir a arbitragem, e que ainda a reclama.»

Novas e prolongadas acclamações saudam as ultimas palavras desta allocução. M. GREBANVAL, presidente do conselho municipal, dirige-se ao presidente, por entre vivas e palmas:

«Ha dois dias que sois hospede da FRANÇA, onde, como o dissestes em MARSELHA, homens livres vos recebem em um solo livre. Ha dois dias que sentis correrem ao vosso encontro, precipitarem-se sobre vossos passos, multidões innumeraveis, que vos saudam em um vasto movimento de admiração e de solidariedade.

PARIZ vae agora, e por sua vez, se manifestar.

Em seu nome, seus eleitos vêm vos dar as

boas vindas e inclinam-se ante a grandeza humana, encarnada em vossa pessoa. PARIZ ama os heroes. Esta cidade vê, com um sentimento apaixonado, a lucta em que as republicas SUL-AFRICANAS se debatem contra a brutalidade do numero, a colligação dos egoismos e a injustiça do destino. Si ella vos acclama, somos nós os seus interpretes; e podemos affirmar-vos que este povo sangra com as feridas feitas ao povo boer.

PARIZ detesta a oppressão. A historia julga, e não se engana.

No momento em que vindes pleitear perante o mundo a causa do direito, que seja, sr. Presidente, triumphante a vossa missão. Todos os nossos votos vos acompanham. E' o unico concurso que podemos vos offerecer. Ha momentos em que a consciencia das nações deve se fazer ouvir. Ella falará. Testemunhamos aqui o nosso respeito por vossa pessoa e a nossa fé no futuro de vossa PATRIA.»

Vivamente applaudido, GREBANVAL recebe a resposta de KRUGER:

«O presidente da REPUBLICA SUL-AFRICANA é profundamente grato ás bellas palavras que

acabaes de proferir em nome de PARIZ. Sabe que esta grande cidade occupou sempre a primeira linha na defeza das idéas do direito e da justiça. Lembra-se que já veio a PARIZ e sente-se feliz em voltar, após as dolorosas provações que o affligem, reencontrando nelle o grande centro do mundo. Pisando o solo pariziense, foi dominado de forte confiança. Esta confiança pelo exito de sua causa é nas armas de PARIZ que elle depara. Quando vê esse navio, que jamais se submergiu, que eternamente fluctuará, é convicção sua que a Republica ha de sobrenadar, que jamais ella sossobrará.»

A allusão ás armas de PARIZ provoca enorme entusiasmo; e, entre novas e prolongadas acclamações, fala ainda o presidente do conselho geral de PARIZ e responde o presidente KRUGER.

PARTIDA

Os carros esperavam no pateo da *gare*. O prefeito de policia consegue a muito custo levar KRUGER, abrindo passagem pela sala da sahida, até o landau que o aguardava. Logo que

elle ahi chegou e subiu, um grito immenso, que se foi estendendo e crescendo como um trovão que se propaga, repercutindo-se nas ruas, praças, casas, janellas, telhados, até a *Bastilha*, ouviu-se: *Viva Kruger!* Sahiu de milhares e milhares de peitos, que anceavam por ver o heroe legendario e popular.

O velho, triumphador de hontem, vencido de hoje, o defensor inabalavel de uma causa justa e boa,—a da independencia de um paiz de honestos e valentes,—poz-se então em contacto com o povo. E elle sentia bem que era egualmente povo, que a sua origem e os seus soffrimentos tinham a affinidade e a solidariiedade das massas e das multidões.

O ouro e o ferro ameaçam de morte os idéaes do direito e da justiça: os soffrimentos das nações e dos povos não têm echo, onde o poder de ambos dita a guerra ou alimenta a miseria. A cobiça e a ambição dos poderosos esmagam o fraco; a violencia e a oppressão semeiam as lagrimas e o luto. KRUGER põe-se em pé no landau, com o olhar velado percorre a multidão, com gesto grave e lento volve para a direita e para a esquerda o chapéu, en-

volto em crepe; e os seus labios agitam-se em fremitos convulsivos de intensa commoção.

E' quasi que impossivel mover-se a carruagem. O povo precipita-se: a policia lucha, em vão, para contel-o. Ruas, casas, telhados desapparecem sob a massa enorme, colossal, onde as cabeças se agitam, dando a tudo quanto se vê um aspecto de vida extraordinaria, descommunal. Dir-se-ia que as calçadas, edificios, construcções, tudo era feito de braços e figuras humanas, que o inanimado, o immovel, se transformara em craneos e peitos, que vinham ao encontro do heroe, como as velhas legiões que a lenda fazia outr'ora surgirem do seio da terra. A ovação é indescritivel: de toda a parte surgem, immensos, vingadores, os gritos: *Viva Kruger! Viva a Liberdade!*

O landau consegue afinal pôr-se em marcha, precedido de um pelotão da guarda republicana, a cavallo. Debalde, as carruagens dos jornalistas procuram seguil-o; apenas, as de alguns conselheiros municipaes conseguem esse resultado. A multidão enche, em massa compacta, a praça da *Bastilha*, os grandes

boulevards, e por todo o trajecto flores, palmas, vivas, agitar de lenços e chapéus, saudam o grande ancião. O enthusiasmo, a emoção são profundos e unanimes. Não se ouve um grito aggressivo a ninguem, nem uma palavra offensiva á INGLATERRA. Todos os partidos estão representados, e todos elles parecem, pelo menos por um dia, ter esquecido os reciprocos resentimentos. Não ha palavras que descrevam essa deslumbrante e sem egual apotheose. Estas cousas vêem-se, mas não podem ser narradas.

NO HOTEL SCRIBE

Uma hora antes, a policia havia interrompido o transitio, interceptado as ruas lateraes; e muralhas de agentes circumscreviam um vasto quadrilatero em frente ao hotel. Além dessas barreiras, o povo accumulara-se, de sorte que, ao chegar o prestito, estava tudo já literalmente cheio. As janellas do hotel *Scribe*, do *Grande Hotel*, no angulo opposto, de todos os edificios e predios visinhos, e os balcões da *Opera*, continham massa innume-

ravel de espectadores, que se agitavam com impaciencia. A's onze horas e meia, ouvem-se mais proximos os vivas e acclamações; esse ruido vae crescendo, subindo, por um phenomeno analogo áquelle que se produz em alguns dos nossos rios do norte, e que a linguagem popular denominou *pororoca*.

Esse movimento tumultuoso das aguas, que se precipitam, arrastando tudo, e bramindo com uma impetuosidade irresistivel, com um estrondear que aterra, que apavora; o curso indomavel dessa mole immensa, que se desloca, tudo avassallando, tudo inundando, tinha muita cousa semelhante ao refluxo grandioso dessa maré humana, transbordando os diques oppostos pelas conveniencias politicas, pelos temores e conchavos dos egoismos dominantes, pelas razões de Estado, hesitantes e hypocritas. E' o carro de KRÜGER, que se avisinha. Todas as cabeças se descobrem; aos gritos, que vêm de longe, juntam-se os gritos, que rebentam de todos os arredores do hotel. Mal se pode ver o presidente, tão rapida é a sua passagem pelo espaço livre que a policia havia feito, até a sua entrada no pateo do hotel.

Poucos minutos depois, a multidão gritava, frenética e impaciente: *A' janella! A' janella!* Afinal, entreabre-se a janella do centro, ao terceiro andar, onde se achavam os aposentos do velho immortal; e, só, assoma á sacada o vulto venerando do grande homem!

Raras vezes ter-se-ha produzido na alma e no coração das multidões uma emoção mais profunda, mais forte, mais dominadora. Raras vezes a sensibilidade das massas terá recebido um abalo mais intenso e duradouro, uma repercussão mais vibrante e prolongada. A primeira impressão foi a de um silencio dolorosissimo, estrangulando, entre lagrimas, os *vivas* que tentaram irromper. Todos os chapéus, lenços, braços agitavam-se n'um tremor convulsivo, enquanto as gargantas sentiam-se abafadas n'um espasmo ou contracção da voz humana. Junto de mim choravam homens do povo, como si a injustiça das provações do Presidente KRUGER fosse para elles tão cruel, qual a perda da fortuna ou a morte de um ente caro.

O velho ergueu bem alto a cabeça descoberta, volveu os olhos para o céo e os desceu depois,

como uma benção divina de amor e de reconhecimento, sobre a multidão immensa, que se estendia a seus pés. Doce e lentamente passou o olhar por sobre as centenas de milhares de cabeças, que se agitavam no vasto plano das ruas e *boulevards*.

Em gesto largo, grave e majestoso, saudou, para a direita e para a esquerda, a massa popular. Nesse momento appareceu a seu lado uma creança, tremulando um pavilhão boer e atirando beijos á multidão. Foi esse o apogeu das ovações. Seria esforço inutil e trabalho impossivel á linguagem humana descrever o grandioso e o pathetico desta scena. Estas duas existencias, uma no occaso, outra na alvorada; uma, engrandecida e amargurada pela lucta e pela dor, outra, aureolada pela candura e pela esperanza; uma, vendo abrir-se com o seu tumulo a fossa immensa em que a usurpação e a violencia tentam inhumar uma nacionalidade viril e briosa, outra, sentindo, através das lagrimas do presente, essa luz celestial que é a clarividencia das creanças, que é o sorriso eterno dos que crêem e dos que esperam; ambas a saudarem esse povo, que,

naquella hora, era a mais brilhante representação da justiça e do direito humanos!

Muito se tem escripto sobre o delirio das multidões; nada, porém, se disse até hoje sobre essa força mysteriosa, irresistivel, dominadora, que surge, que se forma, que se exerce, que se impõe, com o concurso das melhores faculdades do homem, accumuladas, condensadas, multiplicadas, na consciencia e no coração das massas. Ainda ninguem precisou o valor dessa função colossal: si os máos instinctos da natureza individual, quando irrompem sem freio, sem diques, na brutalidade capaz de todos os excessos, das temerosas convulsões sociaes, assombram o mundo, que força inegualavel não possuirão a generosidade, o amor da justiça, o culto do direito, os mais nobres sentimentos humanos, quando, em vez de serem as inspirações e os actos de um homem, elles são a mais completa e brilhante das affirmações e dos feitos de uma população inteira?

Não sei que fluido ou força, inteiramente nova, se desenvolve nesses momentos: o que posso asseverar é que senti os pés chumbados

ao solo, todo o meu corpo tremia, como si estranha vibração pairasse no ar. Nas paginas biblicas descreve-se alguma cousa de analogo, quando a palavra ou o sopro do SENHOR tocava os seus eleitos, e a visão divina deslumbraava os patriarchas e os prophetas. Nunca a voz de um povo foi mais a voz de DEUS!

Tudo mais quanto se seguiu foi uma serie de triumphos: visitas reciprocas dos Presidentes, recepções de delegações, demonstrações populares nas ruas proximas, chamadas insistentes e repetidas de KRUGER á janella, passeatas nos *boulevards*, manifestações das escolas, visitas ao *Hotel de Ville*, á EXPOSIÇÃO, ao senado, á camara.

A opinião publica, em FRANÇA, impuzera-se por modo tal que as duas casas legislativas votavam unanimemente uma moção de respeito e de *sympathia* ao Presidente do TRANSVAAL.

O proprio governo, apezar de todas as reservas e conveniencias diplomaticas, baixava um decreto ratificando as convenções da conferencia de HAYA, relativas á arbitragem.

Não podia haver uma inspiração mais delicada e feliz.

Durante os dias que KRUGER esteve em PARIZ, foi elle o objectivo do maior enthusiasmo e do maior affecto com que se pode cercar um chefe de Estado. Todos os testemunhos de veneração ou sympathia, tributados ao grande defensor das liberdades boers, jamais esqueciam a função e o cargo do Presidente do TRANSVAAL. KRUGER, egualmente, jamais olvidou o direito, que lhe não arrancaram, de representar officialmente a sua patria, que ainda é uma nação.

Partindo de PARIZ, elle associou aos seus ultimos momentos de despedida dois factos tocantes. Um, foi o seu telegramma dirigido á FRANÇA, ao deixar as suas fronteiras; outro, foi a sua piedosa solicitação ao arcebispo de PARIZ.

KRUGER pediu ao cardeal RICHARD que, no dia de sua partida, á 1 hora e meia, momento da sahida do trem, fizesse soar o grande sino, *la Savoyarde*, do *Sacré-Cœur*, convidando os habitantes de PARIZ a orarem pelos seus bravos

compatriotas, mortos ou feridos nas luctas dolorosas e crueis do sul d'AFRICA.

Quando os gemidos do bronze se ouvissem na grande cidade, elle queria recolher da piedade fraternal do generoso povo o ultimo testemunho de affecto e de conforto—uma prece por seus valentes camaradas. Sobre a metropole do espirito e da liberdade humana as vibrações magoadas, os echos dessa pungente sympathia, se ouviriam como a evocação triste e gloriosa de um martyrio, que a injustiça de outros povos decretara!

«Façam o que quizerem, disse elle em MARSELLHA, não nos renderemos nunca. Combateremos até o extremo. A justiça dos homens poderá talvez faltar-nos, mas nós contamos com a de DEUS!»

«Não nos renderemos nunca!»

E a DEUS entregou elle a orphandade e viuvez dos seus lares, as feridas e miserias que flagellam os boers!

Os gemidos do bronze lugubre e majestoso, si desceram ao coração das multidões, devem igualmente ter subido ás regiões superiores, donde sahiram os mundos, e onde, outr'ora,

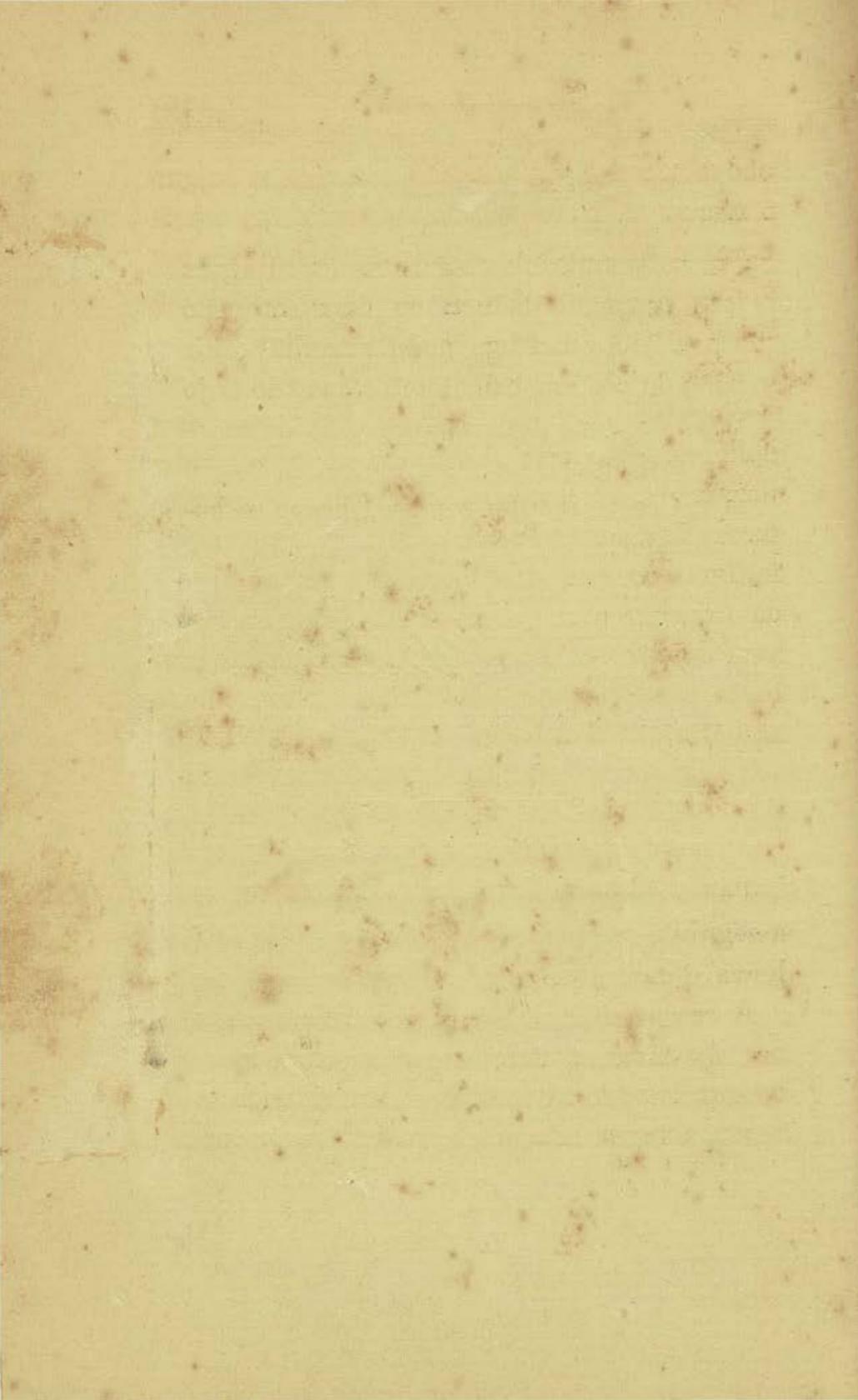
iam buscar a origem dos seus direitos os soberanos da terra.

Sobre os tumulos dos combatentes, si ainda hoje jorra o sangue da lucta, ou pisa o cothurno implacavel do vencedor, pode amanhã cahir o orvalho do céo, ou baixarem as azas do anjo da LIBERDADE, que teve sempre para os martyres as mais gloriosas resurreições!

Que o Céo te inspire sempre, bravo e honesto luctador!

Manuel Victorino.





L - 07

R - 15

MS/269